

ANDRÉ FILIPE DE SOUSA SANTOS

**CRIAÇÃO DE DOIS MUSEUS:
A LIGAÇÃO DO ANTIGO AO MODERNO**

Orientador: Prof. Doutor Arquiteto Vítor Manuel Araújo de Oliveira

UNIVERSIDADE LUSOFONA DO PORTO

Faculdade de Comunicação, Arquitetura, Artes e Tecnologias da Informação

PORTO

(2018)



André Filipe de Sousa Santos

A criação de dois Museus: A ligação do Antigo ao Moderno

Dissertação de Mestrado em Arquitetura

Dissertação defendida em Provas Públicas na Universidade Lusófona do Porto no dia 10 de Dezembro de 2018 perante o júri seguinte:

Presidente: Prof. Doutor Arquiteto Pedro Cândido Almeida D'Eça Ramalho.

Arguente: Prof. Doutora Edite Maria Figueiredo e Rosa

Orientador: Prof. Doutor Vítor Manuel Araújo de Oliveira

Dezembro 2018

É autorizada a reprodução integral desta tese/dissertação apenas para efeitos de investigação, mediante declaração escrita do interessado, que a tal se compromete.

Agradecimentos

Este trabalho foi conseguido com o apoio total da minha mãe e do meu segundo pai a quem devo um obrigado pelos sacrifícios feitos estes anos e por acreditarem sempre em mim.

Um obrigado ao meu pai e ao meu avo por serem os responsáveis pelo meu gosto pela Arquitetura desde muito jovem.

Agradeço a todos os professores que marcaram a minha passagem nestes últimos cinco anos.

Agradeço também aos meus colegas de curso, embora sejam poucos são pessoas fantásticas as quais tenho a sorte chamar de Amigos.

Uma palavra de agradecimento também para o Professor Doutor Vítor Oliveira, orientador desta dissertação, pelo despertar ainda maior pela área do urbanismo, pelos ensinamentos e a disponibilidade total para qualquer dúvida, embora tenha sido pouco tempo mostrou ser uma pessoa simples e descontraída.

Por último, mas não menos importante uma palavra de carinho á minha namorada, pelo apoio e compreensão ao longo deste percurso académico.

Os meus sinceros agradecimentos.

“Don`'t think in blocks, don`'t think in buildings, think in connections only” – Winy Maas

Resumo

Esta dissertação tem como objetivo principal, uma reflexão sobre a requalificação da Praça da Batalha e área envolvente, a qual foi dividida em três partes, a primeira que teve como base uma reflexão acerca da evolução histórica da cidade do Porto, dando ênfase à praça em estudo, uma segunda parte onde consta a análise da proposta de reabilitação para a zona alvo de estudo e uma terceira e última parte onde é proposta uma requalificação de um espaço público bem como a área histórica envolvente e ainda a proposta de projeto (Museu de Arte) para o Parque das Camélias, desenvolvido na cadeira de projeto.

Por fim são apresentadas as considerações finais do trabalho.

Palavras-Chave: Porto, Praça da Batalha, Quarteirão das Camélias, Museu

Abstract

This dissertation has as main objective, the reflection on the requalification of Batalha square and surrounding area, which was divided in three parts, the first that was based on a reflection about the historical evolution of the city of Porto, giving emphasis to the square in study, a second part which includes the analysis of the rehabilitation proposal for the target area of study and the third and last part where a requalification of a public space is proposed as well as the surrounding historical area and also the project proposal (Museum of Art) to the Camélias Park, developed in the design chair.

Finally, the final considerations of the work are presented.

Keywords: *porto, Praça da Batalha, Quarteirão das Camélias, Museum*

Índice

Agradecimentos	6
Resumo	7
Abstract	8
Capítulo I	11
1.1 Introdução	12
Capítulo II	13
2 Evolução histórica da Cidade do Porto	14
2.1 Génese da Cidade do Porto	14
2.2 Evolução da Cidade do Porto do séc. XII ao séc. XVIII	15
2.3 Evolução da Cidade do Porto do séc. XVIII ao séc. XXI	18
2.3.1 1º Período (1813-1865)	19
2.3.2 2º Período (1865-1892)	20
2.3.3 3º Período (1948-1997)	22
2.3.4 4º Período (2003-2018)	24
2.4 Evolução histórica da área da Praça da Batalha e Quarteirão das Camélias	25
2.4.1 Planta de 1813	26
2.4.2 Capela da Batalha.....	27
2.4.3 Teatro do Príncipe/ Teatro Nacional S. João.....	29
2.4.4 Edifício Real Casa Pia.....	31
2.5 Plantas de 1824, 1833, 1839 e de 1865	32
2.6 Planta de 1892	35
2.7 Praça da Batalha 1910	36
2.7.1 Igreja Santo Ildefonso	37
2.7.2 Palácio da Batalha.....	38
2.7.3 Loja Campo e Moraes / Cinema Batalha	39
2.8 Praça da Batalha 1940-50	41
2.9 Praça da Batalha 1962 e 1996	42

Capitulo III Caso de estudo- SOCIEDADE, PORTO 2001.	45
3.1 Plano do Porto, Área Leste A, Arq. Adalberto Dias	46
Capitulo IV Projeto Desenvolvido	51
4.1 Projeto do Museu no Quarteirão das Camélias.....	52
4.2 Projeto de Requalificação da Batalha e conexão com o Parque das Camélias.....	60
Capitulo V Conclusões.....	66
INDICE DE FIGURAS.....	68
BIBLIOGRAFIA.....	71

Capítulo I

Introdução

1.1 Introdução

Esta dissertação é realizada no âmbito do Mestrado Integrado em Arquitetura e na disciplina de Projeto do 5º ano, e consiste na análise histórica da génese da cidade do Porto e sua evolução ao longo dos séculos bem como numa análise mais detalhada da área envolvente da Praça da Batalha e do Quarteirão das Camélias.

A escolha deste tema deve-se a vários aspetos, desde o fato de a Praça da Batalha se encontrar como que “abandonada”, descaracterizada, onde as pessoas já há muito tempo deixaram de viver neste espaço e que o mesmo sirva somente para passagem, além disso pretende-se criar uma relação de simbiose entre a Praça da Batalha e o terreno alvo de intervenção no Quarteirão das Camélias.

A dissertação divide-se em três partes. A primeira parte corresponde à evolução histórica que se encontra subdividida em duas partes, sendo a primeira a génese da fixação da zona da Se e a evolução da cidade de uma modo abrangente, na segunda parte foca-se mais na zona envolvente à Praça da Batalha e do Quarteirão das Camélias, dando ênfase à distribuição do quarteirão e do edificado histórico envolvente. A segunda parte corresponde à proposta de redesenho da Praça da Batalha, dinamizando este espaço que se encontra muito descaracterizado, funcionando somente como ponto de passagem, estimulando deste modo a sua permanência e uso dos espaços criados e sua conexão com o Parque das Camélias com a criação do Museu de Arte na frente de rua que se encontra de momento com um grande vazio e espaço público adjacente, criando assim dois espaços públicos que podem viver independentemente mas que complementam-se também. A terceira e última parte contém o projeto final da disciplina de projeto (Museu de Arte).

Capítulo II

Evolução histórica da Cidade do Porto

2 Evolução histórica da Cidade do Porto

2.1 Génese da Cidade do Porto

A cidade do Porto teve origem numa sucessão de momentos marcados na história, começando pelo local onde hoje se situa a Sé, local esse onde a população Castreja do tempo da Lusitânia se fixou, tendo-lhes seguido os passos mais tarde o povo Romano, este também fixando-se na mesma zona, embora com uma diferença, enquanto a população Castreja se fixou num único local, os Romanos por sua vez dividiram-se por dois, na zona alta da cidade (atual Sé) comum á população Castreja e na zona baixa junto ao rio (Ribeira), revelando assim a importância que este local teria no decorrer da história.

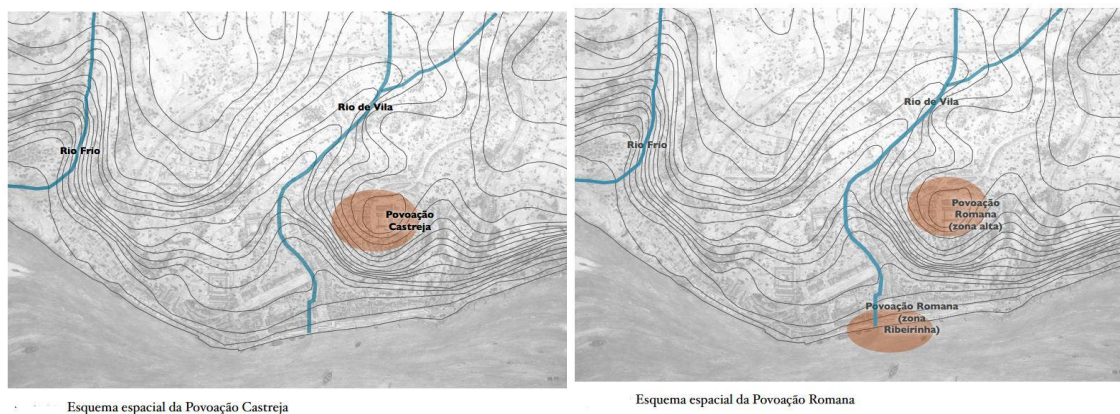


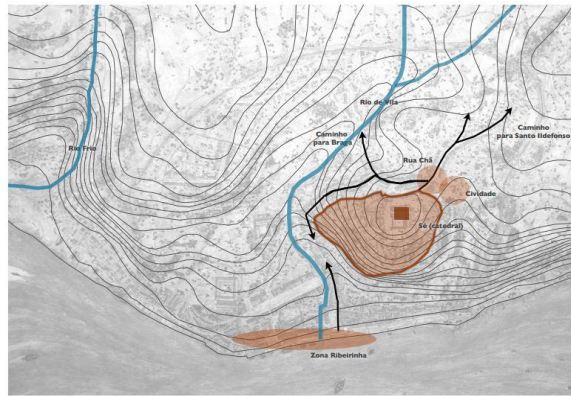
Figura 1 Esquema espacial da Povoação Castreja Fonte: Portopatrimoniomundial
Esquema espacial da Povoação Romana Fonte: Portopatrimoniomundial

Figura 2

2.2 Evolução da Cidade do Porto do séc. XII ao séc. XVIII

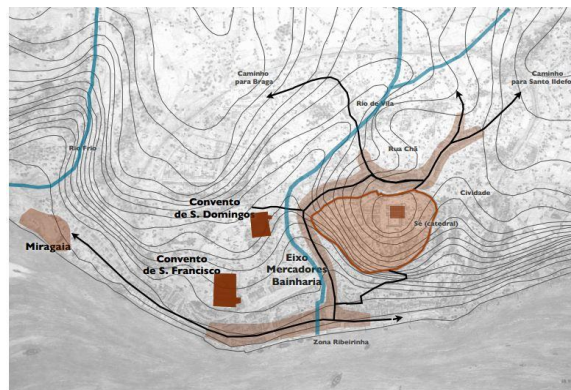
Em 1096 o Rei Afonso IV de Castela e Leão casa a sua filha, D. Teresa com Henrique de Borgonha e lhes concede o condado Portucale que tinha como capital o Porto, naquela altura conhecida por Portucale. Mas é mais tarde em 1120 que já Rainha, Dona Teresa concede o Burgo ao Bispo D. Hugo, personagem esta da cidade do Porto que se tornaria no principal impulsionador da mesma. Em 1330 a cidade do Porto era já ponto obrigatório de passagem para comerciantes de toda a parte e devido ao seu grande crescimento, torna-se de vital importância criar uma segunda muralha visto que a muralha primitiva já não era suficiente para tal crescimento, sendo assim, amuralhar a cidade era uma necessidade essencial para se defender de eventuais ataques e por isso D. Afonso IV manda erguer esta segunda muralha. Já corria o ano de 1355 quando esses ataques se vieram verificar, ataques esses resultantes do confronto entre D. Pedro e o Rei Afonso IV sendo Inês de Castro a grande causadora dos mesmos. Após estes confrontos na cidade do Porto, esta manteve-se praticamente intacta, tendo resistido às investidas de D. Pedro. Nesse momento torna-se ainda mais urgente a conclusão da muralha de modo a salvaguardar o futuro da cidade. O processo da construção da mesma foi acelerado, tendo ao todo demorado cerca de quarenta anos a ser construída, abrangendo cerca de 44.5 hectares e possuindo 5 portas, portas estas, que serviam propósitos quer civis (comércio, movimentação da população), quer militares (na defesa da cidade e dos seus pontos de comércio marítimo).

As figuras abaixo compreendem um período de cerca de um quarto de milénio e nelas são notórios os focos de fixação já anteriormente falados onde é visível a zona alta, a muralha primitiva e ainda pontos de entrada/saída da cidade. Na segunda planta começamos a ver o início de uma conexão entre a zona alta e a baixa bem como o aparecimento de dois polos religiosos, Convento de S. Francisco e o de S. Domingos. Na terceira e última imagem vemos o surgimento dos paços do concelho e a alfândega do Rei bem como arruamentos, a rua de alfândega que faz a ligação à alfândega, a Miragaia e a rua das Congostas que por sua vez faz a ligação da alfândega à Sé, ainda de apontar os surgimentos dos caminhos de Santiago de Compostela e o de Santo Ildefonso.



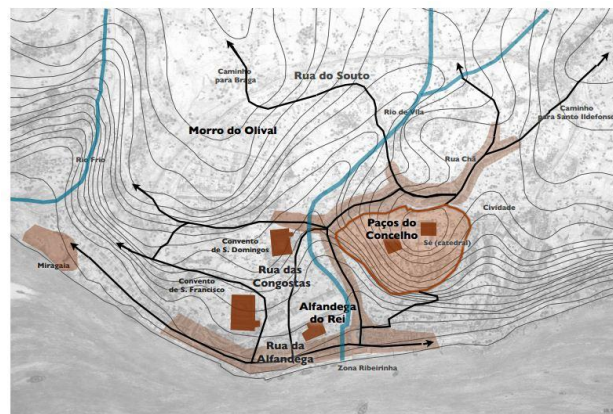
Esquema urbano da cidade entre 1114 e 1234

Figura 3 Esquema da Cidade entre 1114 e 1234 Fonte: Portopatrimoniomundial



Esquema urbano da cidade entre 1234 e 1316

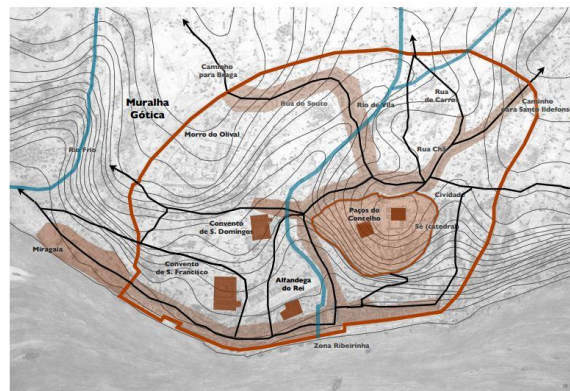
Figura 4 Esquema da Cidade entre 1234 e 1316 Fonte: Portopatrimoniomundial



Esquema urbano da cidade entre 1316 e 1355

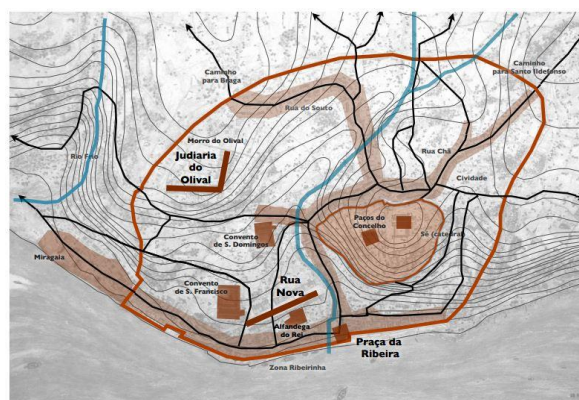
Figura 5 Esquema da Cidade entre 1316 e 1355 Fonte: Portopatrimoniomundial

Nos três esquemas urbanos em baixo é de grande relevância referir os novos arruamentos, o da rua nova e a Judiaria do Olival, bem como a construção de mais dois Conventos, o de Sta. Clara e o de Sto. Elói e a construção da praça da ribeira. Tudo isto dentro da muralha popularmente conhecida como muralha “Fernandina” que ao contrário do que o nome indica não foi mandada erguer por D. Fernando mas sim por D. Afonso IV tendo sido terminada aí sim por D. Fernando.



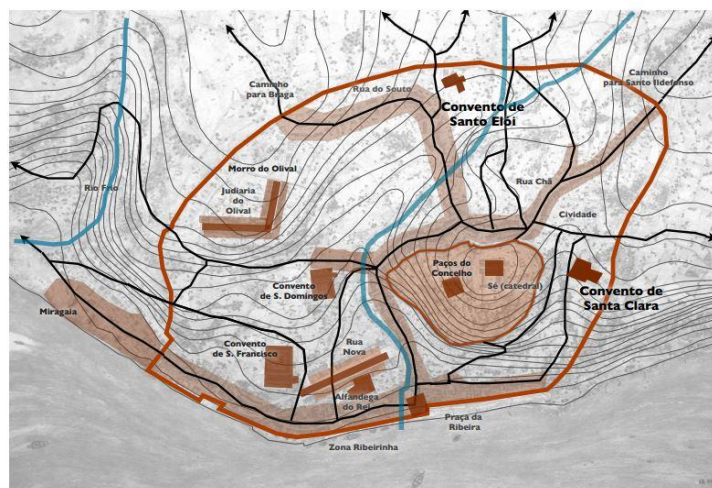
Esquema urbano da cidade entre 1355 e 1386

Figura 6 Esquema da Cidade entre 1355 e 1386 Fonte: Portopatrimoniomundial



Esquema urbano da cidade entre 1386 e 1406

Figura 7 Esquema da Cidade entre 1386 e 1406 Fonte: Portopatrimoniomundial



Esquema urbano da cidade entre 1406 e 1518

Figura 8 Esquema da Cidade entre 1406 e 1518 Fonte: Portopatrimoniomundial

2.3 Evolução da Cidade do Porto do séc. XVIII ao séc. XXI

Este subcapítulo compreendido entre o século XVIII e o século XXI está dividido em quatro períodos, visto terem sido períodos em que a cidade cresceu, mas de forma singular, apresentando em cada um deles pontos de destaque.

O 1º período (1813-1865), consiste num período inicial de crescimento onde já se verifica um pequeno crescimento e bem definido, no qual a cidade cresce ao longo das cinco artérias principais da cidade;

O 2º período (1865-1892), compreende três décadas, e nestas três, a cidade cresceu como nunca antes visto, onde o seu crescimento é feito de forma mais livre, mais disperso em vez de centralizado;

O 3º período (1948-1997), apresenta um grande crescimento e também uma nova forma de viver na Cidade, através da construção de equipamentos como o parque da cidade e de novas vias de circulação;

O 4º período (2003-2018) é último, consiste num período em que a cidade não cresce muito, pois já se encontra bastante densa, devido a todo o crescimento anteriormente observado, mas também devido ao êxodo urbano sentido desde 1981. A cidade vive agora num

momento de renovação, com o surgimento e aumento de dia para dia da habitação temporária devido a invasão turística;

2.3.1 1º Período (1813-1865)

Após a análise da planta de 1813 é possível identificar três zonas de crescimento de maior relevo i) zona histórica da cidade mais confinada á muralha primitiva; ii) zona mais periférica que se desenvolve ao longo de cinco artérias de entrada e saída da cidade, as quais são: a estrada para Viana do Castelo, a estrada para Braga, a estrada para Guimarães, a estrada para Penafiel e por fim a estrada que vai para Matosinhos. Esta última faz a conexão de duas áreas, as quais são a base de crescimento da cidade do Porto, a zona da Sé e área circundante da muralha primitiva e a área de Miragaia, área esta que se desenvolveu em grande parte devido ao trabalho da personagem histórica, o bispo D. Miguel da Silva no séc. XVI. (figura 9).

Prosseguindo para o levantamento de 1865, visto que as plantas 1824 e 1833 não justificam análise, devido á ausência de um crescimento significativo.

Meio seculo separa as plantas de 1813 e a de 1865, nesta última torna se visível o aparecimento de novos edifícios que assumiram um papel fundamental no decorrer da história como é o caso do Palácio da Bolsa. Este situado na área central, veio assinalar um novo centro financeiro e assumindo-se como símbolo do poder da Associação Comercial, criada na década de 30 do séc. XIX. Um outro ponto de destaque é a zona do Bomfim, onde se verifica a abertura de novas ruas- Santos Pousada e Moreira. Por sua vez, no que hoje é parte da Avenida da Boavista, é visível o prolongamento da rua da Boavista e ainda no extremo o Hospital Militar. (figura 10).

Por fim verifica-se a construção do Palácio de Cristal, “pontuando de forma decisiva o início da expansão para Poente”.¹

¹ Citado: OLIVEIRA, VITOR, Evolução das formas urbana de Lisboa e do Porto nos seculos XIX e XX, Porto 2013

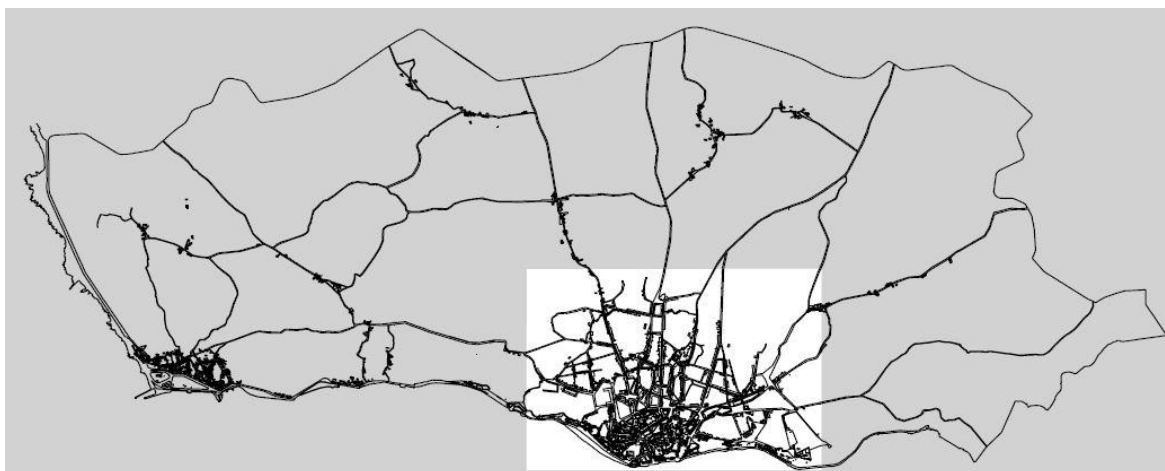


Figura 9 Planta de 1813, Porto. FONTE: Oliveira Vítor, 2013 Evolução das formas urbanas de Lisboa e do Porto nos séculos XIX e XX.

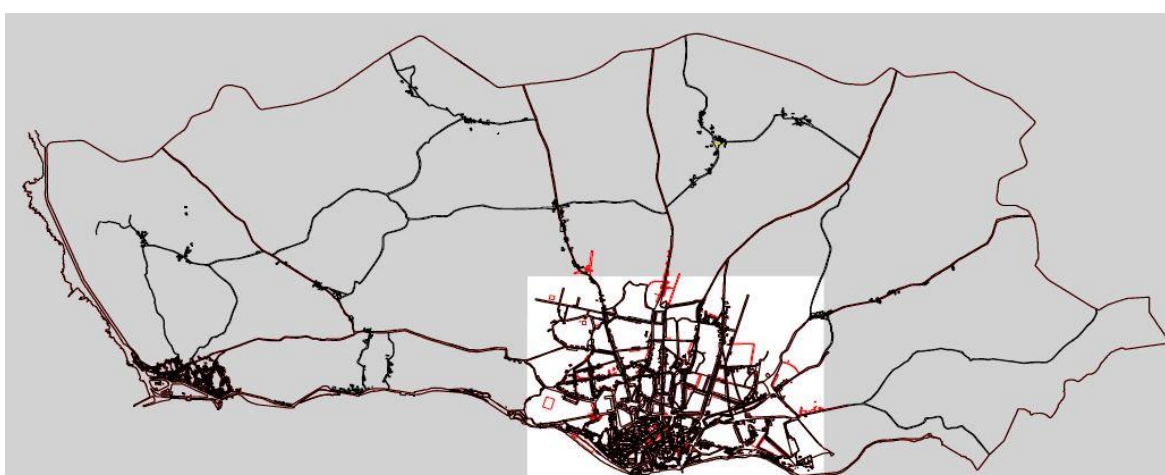


Figura 10 Planta de 1865, Porto. FONTE: Oliveira Vítor, 2013 Evolução das formas urbanas de Lisboa e do Porto nos séculos XIX e XX.

2.3.2 2º Período (1865-1892)

Após a análise da planta de 1892, planta essa integrada no período Tordo-Monárquico e do Estado Novo referida por Vítor Oliveira no livro “A Evolução das formas urbanas de Lisboa e do Porto nos séc. XIX e XX”, verifica-se que nestes 28 anos que separam esta da planta de 1865, um crescimento nunca antes visto, com o surgimento e desenvolvimento dos seguintes pontos:

1. Estação de Campanhã;
2. Rotunda e Avenida da Boavista;
3. Crescimento menos centralizado da cidade, onde as pessoas já não seguem uma dita linha edificatória, sendo a escolha do local algo livre, havendo no entanto uma preferência pelo lado Norte, resultando aí num maior crescimento;
4. Duplicação da malha urbanizada do crescimento para Poente (Matosinhos).

A mudança do período Monárquico para o período Pós-Monárquico é sentido quando se analisa a evolução desde 1865 a 1892² começando pela mancha urbana, esta com o passar do tempo vai-se edificando de uma forma mais dispersa, mais fluída, libertando-se um pouco de uma ideia passada de Cidade Centralizada, do tempo da Muralha Fernandina e posteriormente das artérias da Cidade, crescendo então de uma forma mais livre, mas mantendo uma barreira quase que psicológica a N12 (circunvalação), a qual separa a zona mais Central da Cidade, mais desenvolvida de uma zona mais marginal, à periferia da Cidade.

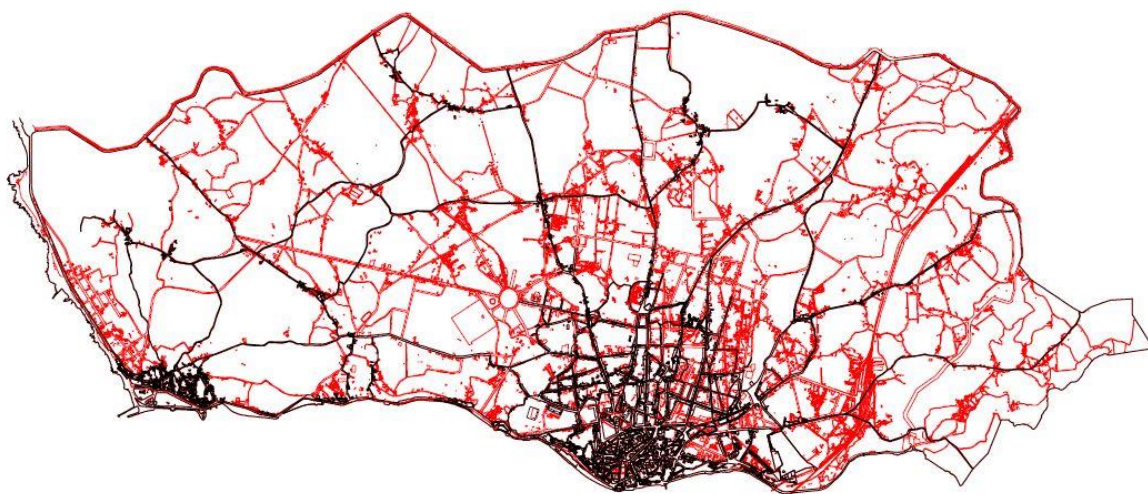


Figura 11 Planta de 1892, Porto. FONTE: Oliveira Vítor, 2013 Evolução das formas urbanas de Lisboa e do Porto nos séculos XIX e XX.

² Citado: OLIVEIRA, VÍTOR, Evolução das formas urbana de Lisboa e do Porto nos séculos XIX e XX, Porto 2013

2.3.3 3º Período (1948-1997)

O tempo compreendido entre as plantas de 1948 e a de 1997 foi um período próspero em Portugal, onde o setor da construção teve um BOOM no seu crescimento, devido às remessas dos nossos emigrantes, principalmente vindos de França e de outras conjunturas económicas favoráveis. Por tal, durante esse tempo, Portugal e o Porto em concreto apresenta um grande crescimento, mas de uma forma mais livre, como referido em seguida.

As zonas onde anteriormente eram bem visíveis a sua forma e o seu crescimento, estão agora mais dispersas, sendo mais visível esse crescimento na área para Nascente (área de Campanhã), bem como no crescimento/ligação das duas margens do rio Douro, através da conclusão de um equipamento muito importante para a vida da cidade, a Ponte da Arrábida e troço final da autoestrada A1, este finalizado em 1963. Também na década de 60 surgem em vários pontos da cidade uma nova realidade, uma nova forma de viver na cidade com o aparecimento da habitação social na vertical (cerca de quatro pisos com acesso em galeria).

Das plantas de 1978 em diante, no caracterizado como período Democrático pelo autor Vítor Oliveira no livro “A evolução das formas urbanas de Lisboa e do Porto nos séculos XIX e XX”,³ surge o acesso á rotunda da Boavista através da rua Gonçalo Sampaio e o troço da VCI entre a ponte e o Nó de Francos, os quais constituem o conjunto de infraestruturas introduzidas na zona da Boavista iniciando a transformação da Cidade do Porto.

É de referir que é em 1981 que o Porto conhece o seu pico populacional (c.300.000 residentes), a causa desse pico é de esta se ter tornado bastante apetecível para se residir, tal pico é verificado em grande parte ao aparecimento de grandes infraestruturas, infraestruturas estas como por exemplo a VCI (que viria a ser terminada em 1997), a A3 (ligação a Braga) e a A4 (ligação a Vila Real). Já quase a terminar o milénio, dá-se a valorização dos espaços verdes através do Parque da Cidade, a grande estrutura verde do

³ Citado: OLIVEIRA, VITOR, Evolução das formas urbana de Lisboa e do Porto nos séculos XIX e XX, Porto 2013

Porto, a qual prolonga-se até á feira popular, constituindo um espaço privilegiado de uso coletivo, simbolizando a alteração de carater dos espaços públicos: se no século XIX e em grande parte do século XX os cidadãos assumiam como espaços públicos privilegiados a rua, a praça ou o largo, no final do século XX, passam a incluir-se nesta definição de espaço privilegiado, os grandes parques urbanos, os corredores verdes, e as frentes marítimas ou fluviais.



Figura 12 Planta de 1948, Porto. FONTE: Oliveira Vítor, 2013 Evolução das formas urbanas de Lisboa e do Porto nos séculos XIX e XX.

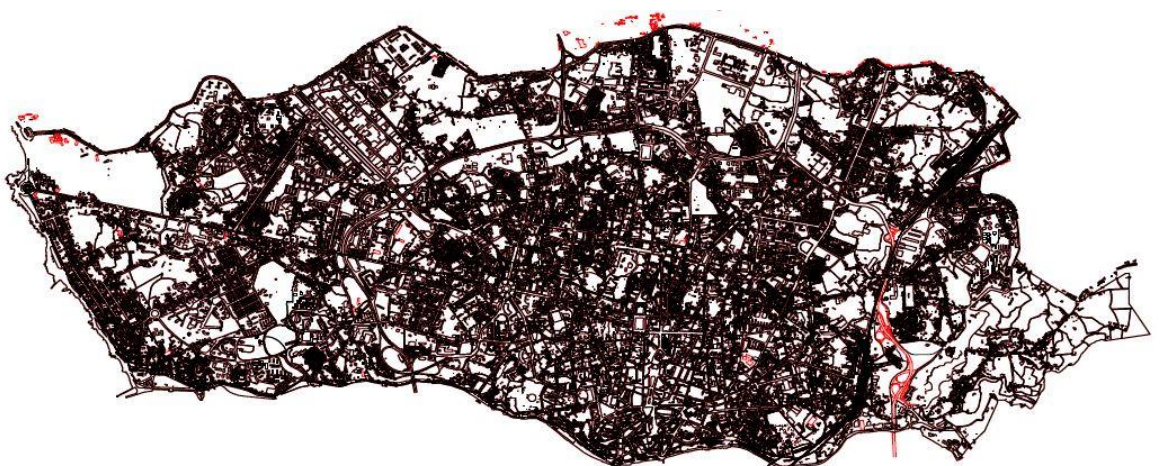


Figura 13 Planta de 1997, Porto. FONTE: Oliveira Vítor, 2013 Evolução das formas urbanas de Lisboa e do Porto nos séculos XIX e XX.

2.3.4 4º Período (2003-2018)

O último período em análise tem como partida o início do milénio terminando no hoje, que é a atualidade. Aqui, a cidade não cresce como dantes, visto que a cidade já se encontra consolidada e devido ao êxodo urbano que se verificou desde 1981 com a população residente da cidade a cair constantemente até hoje. No entanto, agora, devido a demanda turística que apresenta cada vez mais relevo para o crescimento da cidade, vive-se um tempo em que a construção de raiz já não tem tanta dimensão como anteriormente e onde esta dá lugar agora a reabilitação, momento em que a cidade se transforma com o aparecimento da habitação temporária (Hotéis, Apartamentos Turísticos entre outros) e onde o "velho" hoje reabilitado ou em processo de reabilitação é admirado por turistas. (ver figura 14).

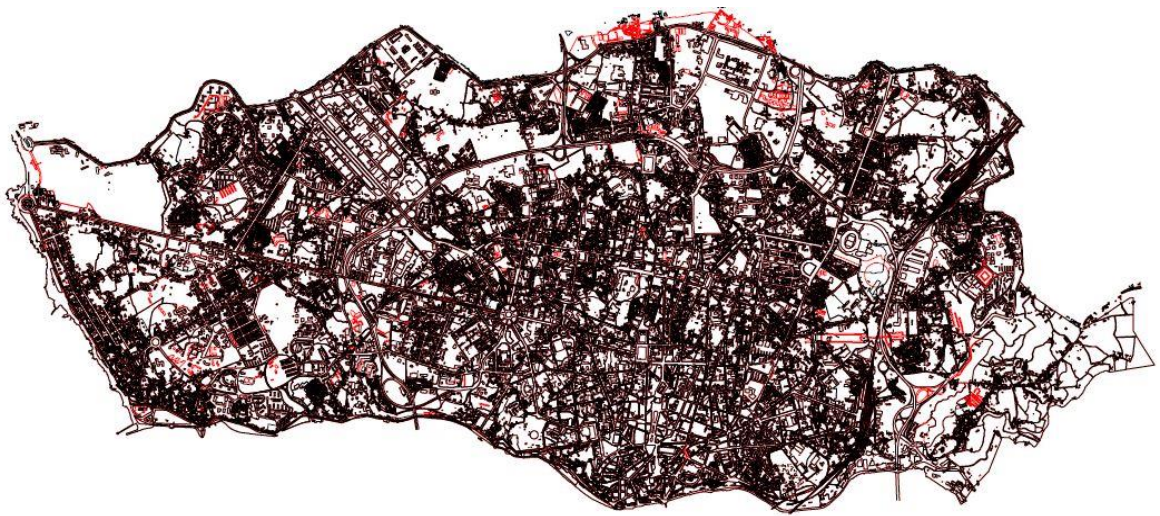


Figura 14 Planta de 2003, Porto. FONTE: Oliveira Vítor, 2013 Evolução das formas urbanas de Lisboa e do Porto nos séculos XIX e XX.

2.4 Evolução histórica da área da Praça da Batalha e Quarteirão das Camélias

Inicialmente a zona do parque das Camélias (área de estudo) e a praça da Batalha, eram espaços marginais devido a sua localização periférica (fora dos muros da cidade), no entanto estes espaços tinham algum relevo visto situarem se junto as duas portas da cidade, a porta do Sol (mais a Sul) e a porta de Cimo de Vila (mais a norte), esta ultima situava se no meio do que hoje é a praça da Batalha, onde ainda hoje é visível a Travessa de Cimo de Vila do tempo da muralha Fernandina. A praça da Batalha embora tivesse alguma importância devido ao seu posicionamento de entrada da cidade, ganhou a também pelo fato de que o parque das Camélias e terrenos circundantes fossem de uso exclusivamente agrícola (de abastecimento da cidade).

As demolições dos anos 80 do séc. XIX (impulsionadas pela morte de Francisco de Almada, grande defensor na preservação da muralha mas também pelo gesto urbanístico que foi a abertura da rua Santo António em 1785- atual rua 31 de Janeiro), levaram ao impulsionamento da praça da Batalha, tendo esta assumido um papel de relevo no panorama Portuense, tornando se num dos espaços mais importantes da cidade para os seus habitantes, desde a nobreza aos intelectuais de outros extratos sociais que frequentavam os cafés (centros políticos de debate) inclusive o povo que por sua vez la se reunia em ocasiões de festividades, mas também em manifestações populares e idealizações de golpes monárquicos, como é o caso da “monarquia do Norte” ⁴em 1919, a revolta de 31 janeiro em 1891 entre muitos outros momentos da historia.

⁴ COIMBRA, Artur F. Paiva Couceiro e a revolução monárquica (1910-1919), Braga 2000.

2.4.1 Planta de 1813

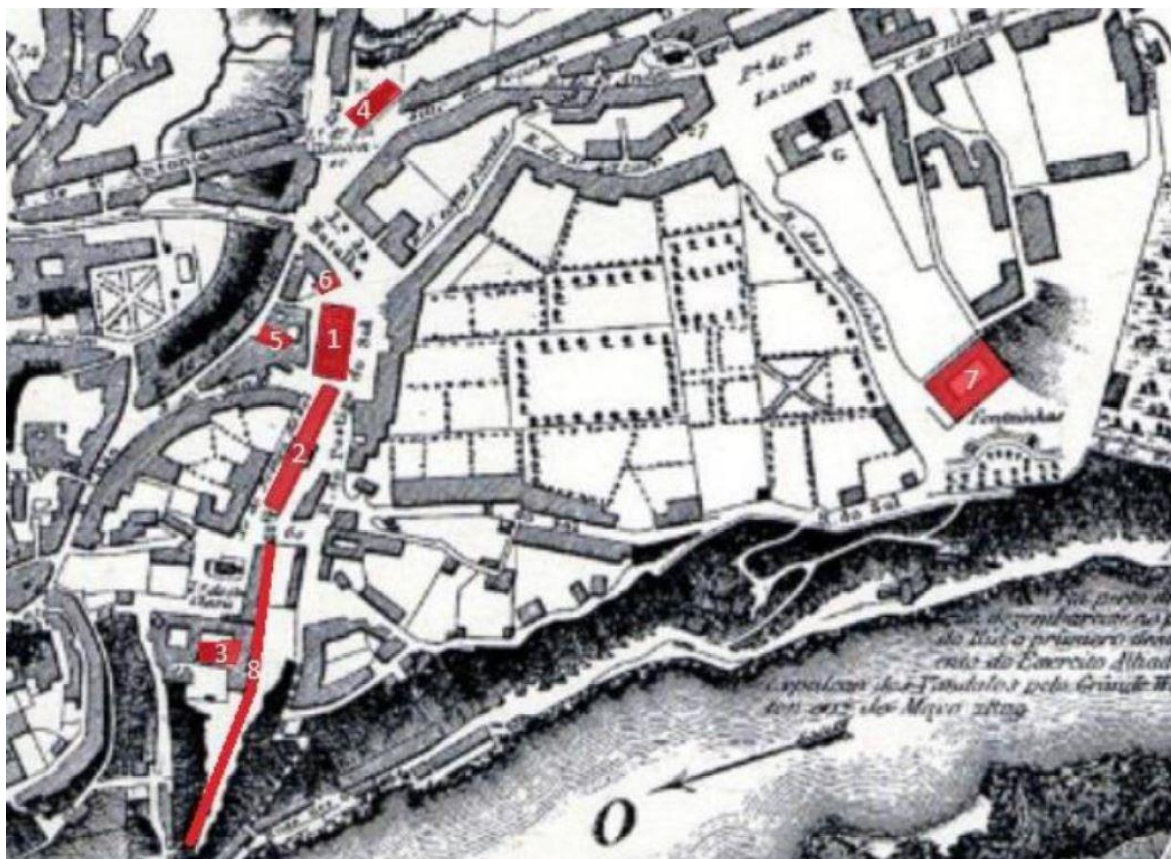


Figura 15 Planta Histórica de 1813. FONTE: Mota Daniela, 2015 Análise Histórica De Uma Zona Urbana

Na planta de 1813 é visível o desenho irregular do quarteirão das Camélias onde o seu interior é inteiramente dedicado ao uso agrícola, com um desenho ainda muito diferente ao que vemos hoje em dia. É visível ainda no quarteirão das Camélias um grande vazio no seu interior em contraste com os quarteirões á sua volta que se encontram mais fragmentados e com uma mancha maior de edificado. É de notar ainda que no local onde antes se situava a muralha Fernandina (parcela demolida como anteriormente referido), nascem três edifícios, três construções de grande relevo, quer para o desenvolvimento desta zona, quer para a evolução da cidade Invicta as quais são: a capela de Nossa Senhora da Batalha; o Teatro do Príncipe e o Edifício Real da Casa Pia.

A capela primitiva de N. S. da Batalha originalmente se situava em frente á antiga porta Fernandina de Cimo de Vila, só que com o crescimento extramuros da cidade este foi transferida para mais a sul junto ao que é hoje o Teatro Nacional São João. Já em 1924 devido ao alinhamento da Rua Alexandre Herculano e para “desafogo da fachada do Teatro São João”, esta foi demolida e cujos textos ou desenhos dela referentes poucos existem nos dias de hoje. E os poucos vestígios que existem, encontram-se na Casa do Infante e correspondem a uma gravura de 1833 do artista Joaquim Vitoria Vilanova, do álbum, “Edifícios do Porto em 1833”, de uma gravura de Nossa Senhora da Batalha e de algumas fotos históricas.



Figura 17 Gravura de Joaquim V. Vilanova 1833 Fonte: Arquivo Municipal Porto

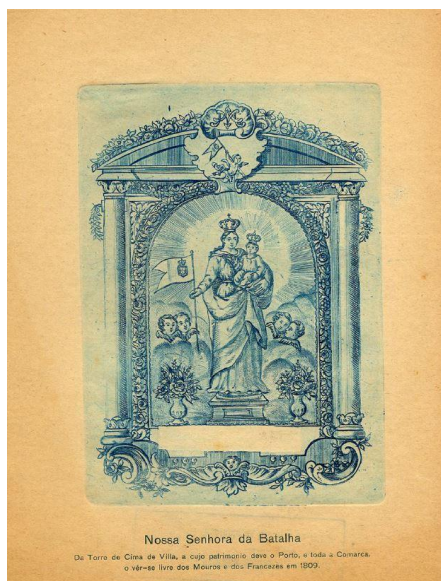


Figura 18 Desenho Nossa Senhora da Batalha 18?? Fonte: Arquivo Municipal Porto

2.4.3 Teatro do Príncipe/ Teatro Nacional S. João



Figura 19 Foto do Teatro Príncipe, 1906 Porto. FONTE: Arquivo Municipal Do Porto

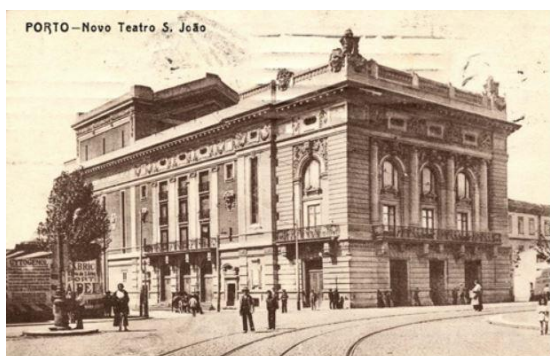


Figura 20 Foto do Real Teatro São João, 1908 Porto. FONTE: Arquivo Municipal Do Porto

- O Teatro do Príncipe também conhecido como Real Teatro São João assim apelidado em homenagem ao então príncipe regente, futuro Rei D. João IV. O edifício surge como resposta a uma necessidade sentida por Francisco de Almada e Mendonça, de que a sociedade necessitava de uma “bela escola de costumes e de civilidade⁵” o qual em conjunto com um grupo de acionistas privados mandou erguer sob projeto do arquiteto e cenógrafo italiano Vincenzo Mazzoneschi, tendo sido inaugurado oficialmente a 13 de Maio de 1798, dia do 31º aniversário do príncipe D. João, embora tenha ficado aquém do projeto inicial por razões

⁵ Instituto Português do Património Arquitetónico e Arqueológico, boletim IPPAR: Teatro Nacional São João, Porto 1995.

económicas e preocupações com riscos de incendio, os quais se mostrariam mais tarde ineficazes. Este tornou-se no primeiro edifício construído de raiz no Porto exclusivamente destinado à apresentação de espetáculos. O edifício passou por gerências atribuladas durante vários anos, tendo enraizado neste local a ópera italiana até ao final do séc. XIX.

“Pela meia-noite, ao mesmo tempo que as máquinas de incendio nos passavam à porta, velozes, rebentava nesta redação a desolante notícia de que um violento incendio lavrava no Teatro de São João. E dentro de poucos minutos, as rubras labaredas, espreguiçando-se no espaço de envolta com densos novelos de fumo, deram-nos a triste convicção de que, apesar dos esforços dos bombeiros, em poucas horas nada restaria do nosso primeiro teatro. A cidade moveu-se d`alarme, correndo milhares de pessoas para a Batalha (...)”⁶ Mas no início da manhã nada restava a não serem “paredes esventradas e em ruínas”⁷, declarou o Primeiro de Janeiro (noticiário).

É com este incendio em Abril de 1908, que se fez notar a extrema importância deste teatro para a cidade no seu geral, visto que uma semana depois de cessarem as chamas, a cidade reuniu-se de modo a debater a reconstrução do seu amado teatro.

É lançado um concurso público para a sua reconstrução, tendo sido atribuída ao Arquitecto José Marques da Silva considerado “o ultimo arquitecto clássico e o primeiro arquitecto moderno do Porto”,⁸ tendo por isso assumido um compromisso entre a inovação técnica e o gosto tradicional. Este inaugura o novo teatro de São João a sete de Março de 1920. De modo a dar realce a este novo teatro é demolida a capela de Nossa Senhora da Batalha, permitindo assim uma maior visibilidade e um aumento de acessos ao teatro.

Em 1932 o teatro sofre com a fraca popularidade do teatro e com o aumento da popularidade do cinema, o qual obrigou o teatro a abraçar a arte cinematográfica tendo passado a chamar-se São João Cine.

O edifício com o passar do tempo e com o aumento do desinteresse nele, foi-se degradando, tendo sido adquirido pelo estado em oito de Outubro de 1992. Este foi novamente restaurado pelo arquitecto João Carreira entre 1993-1995, tendo

⁶ ANDRADE, Sérgio, Jornal Publico, A noite em que o Teatro São João foi devorado pelas chamas, 2008.

⁷ ANDRADE, Sérgio, Jornal Publico, A noite em que o Teatro São João foi devorado pelas chamas, 2008.

⁸ ANDRADE, Sérgio, Jornal Publico, A noite em que o Teatro São João foi devorado pelas chamas, 2008.

retomado a sua popularidade no meio artístico e uma nova designação ainda hoje conhecida, Teatro Nacional de São João.

2.4.4 Edifício Real Casa Pia



Figura 21 Foto da Real Casa Pia, 19-- Porto. FONTE: Arquivo Municipal Do Porto



Figura 22 Foto da Real Casa Pia, 19-- Porto. FONTE: Arquivo Municipal Do Porto

O edifício que nunca chegou a ser aquilo para que foi construído.

- Mandado construir no séc. XVIII, a 21 de Junho de 1792, pelo corregedor Francisco de Almada e Mendonça para servir a Real Casa Pia, situado num terreno dos Carvalhos do Monte entre a Batalha e o Postigo do Sol, terreno esse que se

encontrava livre devido á demolição parcial da muralha Fernandina. O projeto é do Arquiteto Reinaldo Oudinote e esteve a cargo de Teodoro de Sousa Maldonado e Francisco Paiva. O edifício destinava se a dar guarida a pessoas desfavorecidas ou abandonadas, a recolher e educar os jovens órfãos ou desvalidos ao abrigo da instituição da Real Casa Pia, a qual nunca chegou a ser criada.

O edifício teve varias utilizações desde então:

-1832 No andar térreo funcionaram as prisões de recrutas e criminosos militares, enquanto, nos restantes pisos foram instaladas as secretarias e repartições pertencentes á guarnição do Porto. O edifício serviu ainda como residência para alguns oficiais solteiros da guarda real da polícia;

-1846 Aqui viria se a sediar o alternativo a Lisboa, o governo do Porto;

-Anos mais tarde o edifício foi convertido na sede de repartição da fazenda, tesouraria militar, quartel-general, estação telegráfica e elétrica e governo civil;

-1875 Foi criado um aumento apos a demolição do arco da porta do Sol visto serem impossível a construção de um terceiro andar;

- O edifício foi albergue para inúmeras instituições públicas das quais é exemplo a PSP do Porto e o governo civil que se mantem ate ao dia de hoje;

-2018 Foi convertido em centro financeiros de várias empresas ligadas á Arquitetura, ao Design, a Moda...

- O aumento a Sul (Palacete dos Azevedos), serviu como as finanças do distrito do Porto até que a não muito tempo foi adquirido por privados, que ai criaram cerca de duas dezenas de apartamentos turísticos;

Quer o edifício Real da Casa Pia quer o Palacete dos Azevedos passado quase dois seculos depois da sua criação, voltam hoje a funcionarem como nesse tempo, edifício de múltiplos serviços e o de habitação.

2.5 Plantas de 1824, 1833, 1839 e de 1865

Nas plantas seguintes (1824,1833,1839 e 1865) que compreendem um período de quatro décadas, não se verifica desenvolvimento suficiente para se fazer uma

análise das mesmas. Somente na planta de 1865 se verifica uma pequena mudança na distribuição dos lotes no interior do quarteirão das Camélias, devido a movimentos topográficos de 1963.



Figura 23 Pormenor da Planta de 1824, Porto. FONTE: Arquivo Municipal Do Porto

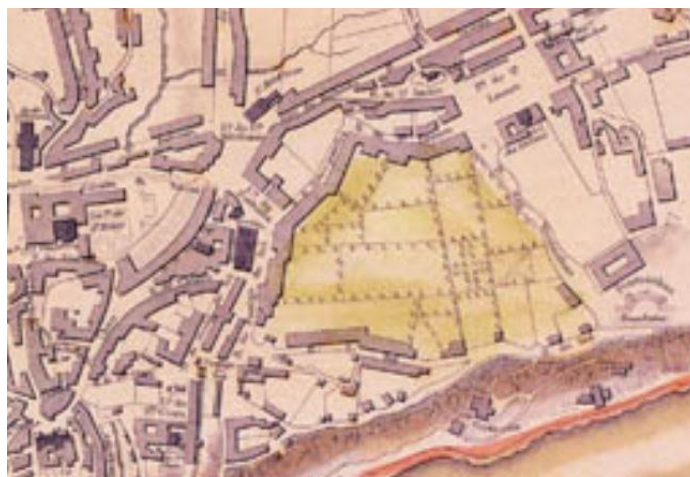


Figura 24 Pormenor da Planta de 1833, Porto. FONTE: Arquivo Municipal Do Porto

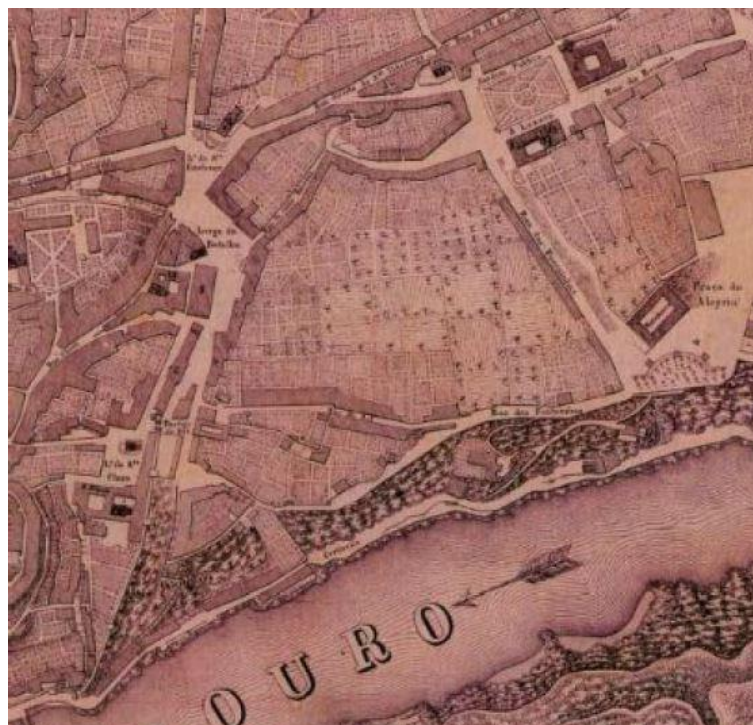


Figura 25 Pormenor da Planta de 1839, Porto. FONTE: Arquivo Municipal Do Porto

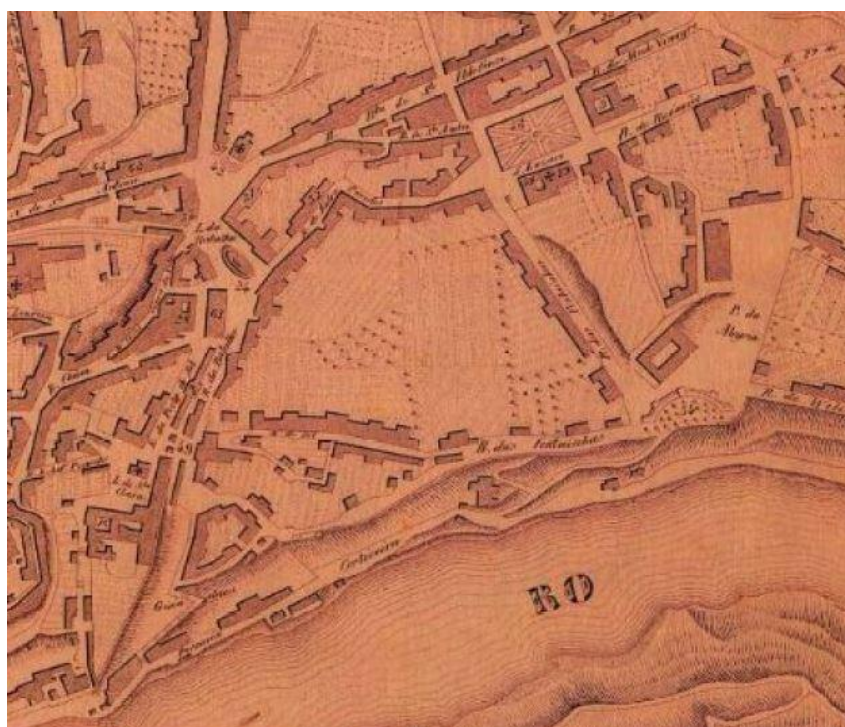


Figura 26 Pormenor da Planta de 1865, Porto. FONTE: Arquivo Municipal Do Porto

2.6 Planta de 1892

A planta seguinte é da autoria de Augusto G. Telles e corresponde ao ano de 1892, esta é a primeira planta a representar a totalidade da cidade inclusive a área da Foz Velha.

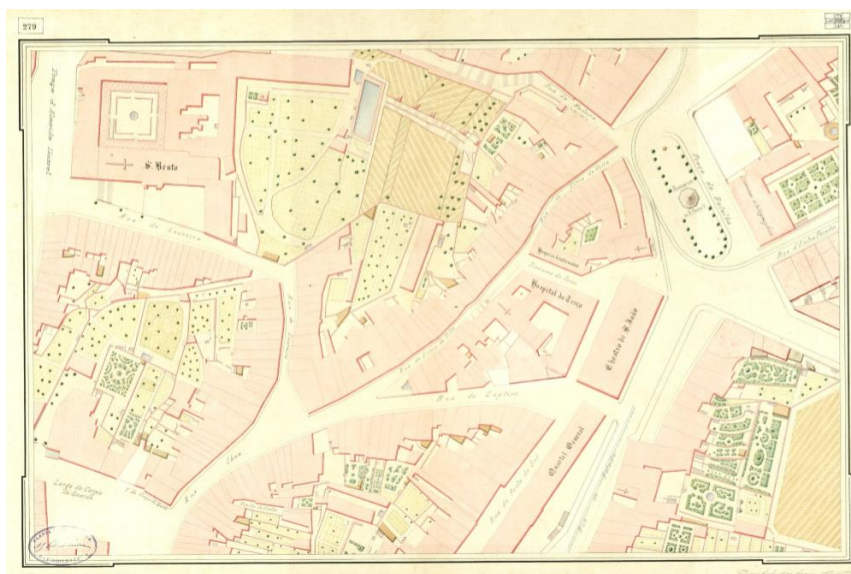


Figura 27 Pormenor 1 da Planta de 1892, Porto. FONTE: Arquivo Municipal Do Porto

Da planta de 1813 para a planta de 1892, já se verificam alterações significativas que justifiquem uma análise da evolução da mesma. Momento primordial na evolução desta aérea (Batalha- Quarteirão das Camélias), foi a abertura da rua Alexandre Herculano e da rua Duque de Loulé. Sendo que a primeira teve maior impacto, quer no desenvolvimento do quarteirão, quer na transformação da Batalha. Tendo impacto direto por exemplo na demolição da capela da Batalha nos anos vinte do século XX.

No que diz respeito ao Quarteirão das Camélias, existe uma evolução no seu interior, sendo agora criados logradouros privados de menor dimensão (quintais), mas em que o seu núcleo mantém-se de uso agrícola, este de maior dimensões, contrastando com os quarteirões circundantes, estes que se encontram com uma mancha de edificado maior.

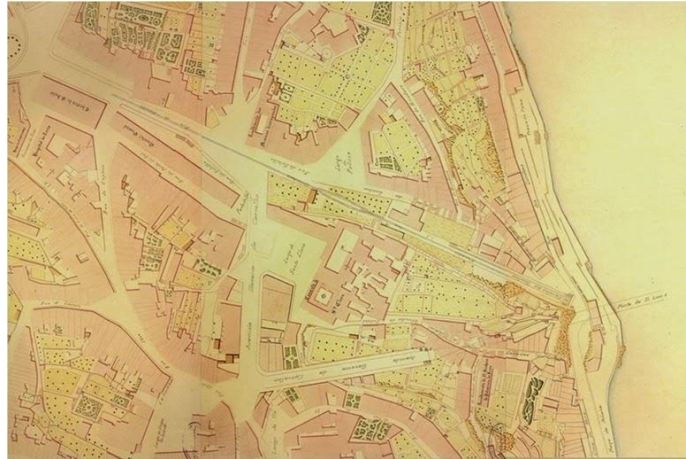


Figura 28 Pormenor 2 da Planta de 1892, Porto. FONTE: Arquivo Municipal Do Porto

2.7 Praça da Batalha 1910



Figura 29 Planta da Praça da Batalha, 1910 Porto. FONTE: Arquivo Municipal Do Porto

A foto acima retrata a praça da Batalha no ano de 1910 e nela é visível a praça e os edifícios que a limitam, a Nascente vemos o Palácio da Batalha e a Construtora Campos & Morais, hoje conhecida como Cinema da Batalha, por sua vez a Sul, é visível um vazio no alçado da rua Alexandre Herculano, vazio este que daria acesso ao interior do Quarteirão das Camélias (terreno de estudo).

2.7.1 Igreja Santo Ildefonso



Figura 30 Foto da Igreja St. Ildefonso, 1910 Porto. FONTE: Arquivo Municipal Do Porto

Situada numa colina, numa das extremidades da praça da Batalha, a Igreja de Santo Ildefonso, concluída em 1739, com a abertura da rua Santo António (atual 31 de Janeiro) cria uma rivalidade com a Igreja dos Clérigos. Pouco se sabe sobre as edificações

anteriores á igreja atual, sabe se apenas que naquele local existiu uma igreja primitiva e que desta pouco se sabe também. A Igreja de Santo Ildefonso possui um revestimento azulejar da autoria de Jorge Calação do século XX. A igreja passou por vários restauros no decorrer da história tendo sido atribuídas varias características novas, como a talha dourada. Esta tal como os azulejos são ainda hoje visíveis.

2.7.2 Palácio da Batalha



Figura 31 Foto do Palácio da Batalha, 1910 Porto. FONTE: Arquivo Municipal Do Porto

O Palácio da Batalha foi erguido por José Anastácio da Silva, cavaleiro da casa real, no entanto, após a sua morte, este veio a pertencer a outros fidalgos também estes da casa real. Sendo que o ultimo a habitar o palácio permaneceu ate 1832, aquando do cerco do Porto e foi este que mandou colocar o brasão na sua fachada a qual hoje ainda é visível.

Apos o abandono, o governo acabou por se instalar no palácio e por utiliza lo para diversas instituições publicas inclusive como hospital.

Em 1842, em pleno reinado de D. Maria II, o palacete é restituído ao seu antigo proprietário (Manuel Pedro Guedes da Silva Fonseca) no entanto este encontrava se bastante degradado devido ao exaustivo uso que teve na sua última década.

Em 1861 a entrada do edifício passou a encontrar se um metro acima da praça devido á ordem dada pela camara para terraplanar o largo de modo a erguer o monumento de homenagem a D. Pedro V. Devido a este episodio, D. Manuel Fonseca recebe 800 mil reis de indemnização, dinheiro esse que ele usa para rebaixar o piso térreo do palácio, ampliando o e valorizando o desta forma.

Em 1863, o recheio do palacete foi levado a leilão visto que os proprietários poucos anos se manteve la a habitar e no ano seguinte em 1864 é alugado ao estado, tendo este sido usado como estação central dos CTT, direção das obras públicas e outras repartições, acabando o estado por o comprar em 1881.

Depois de tantos anos sendo usado sem ser para a função para que este foi erguido, em 2009 o edifício é vendido ao grupo hoteleiro, o hotel Dona Inês com o intuito de o transformar num hotel de luxo (função de habitação-génese), o qual ainda se mantem nos dias hoje.

2.7.3 Loja Campo e Morais / Cinema Batalha



Figura 32 Foto da Loja Campos e Morais, 1900 Porto. FONTE: Arquivo Municipal Do Porto



Figura 33 Foto Aguia D'Ouro, 1900 Porto. FONTE: Arquivo Municipal Do Porto

A construtora Campos e Morais consistia num grande armazém de ferragens bem como de outros materiais de construção, este possuía grande fluxo de venda, conseguia abranger todo o país, tendo ainda conquistado o mercado de exportações. A construtora deparou-se no entanto com um problema, esta era construída num terreno do qual a empresa não era proprietária, o que consequentemente levou à sua venda e sua demolição. Demolição esta com o objetivo de erguer nesse terreno um outro edifício, o salão *High-Life* em 1907 sob responsabilidade da firma Neves e Pascaud, já em 1908 o edifício é rebatizado para novo salão *High-Life* e inicia a projeção de filme, assumindo-se como cinema de prestígio devido a tal sucesso é um dos maiores cinemas da cidade do Porto. Para mal da arquitetura e do Portuenses transformaram o edifício anos mais tarde numa espécie de barracão descaracterizando-o e assumindo o nome em 1913 de Cinema da Batalha, tendo sido demolido e em 1946 erguido o novo Cinema da Batalha que vemos ainda hoje embora se encontre encerrado.

2.8 Praça da Batalha 1940-50



Figura 34 Vista aérea Cidade do Porto, 1940 Porto. FONTE: Arquivo Municipal Do Porto

Nos anos cinquenta foi proposta uma central de camionagem e de habitação coletiva no quarteirão das Camélias, o seu acesso seria através da rua Duque de Loulé e tinha como saída a rua Augusto Rosa, no entanto, era previsto ainda um acesso secundário a norte (rua Alexandre Herculano), nesta estava previsto a construção de dois edifícios de habitação coletiva de maneira a colmatar o vazio existente. Por sua vez, a frente da rua Augusto Rosa era consolidada com habitação, sendo que, o seu piso térreo era vazado para permitir o acesso dos autocarros.

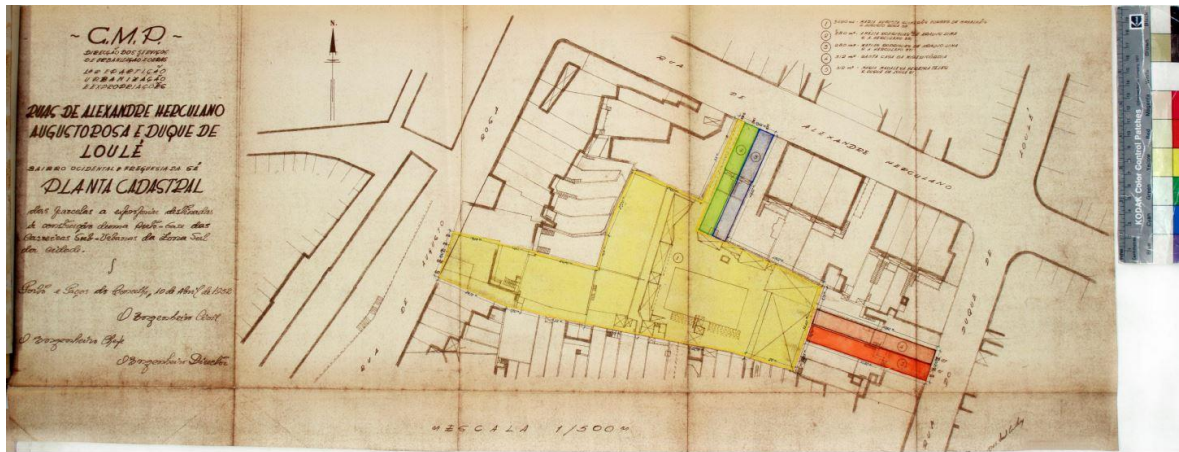


Figura 35 Proposta de central de Camionagem (Quarteirão das Camélias), 1954 Porto. FONTE: Arquivo Municipal Do Porto

2.9 Praça da Batalha 1962 e 1996

As imagens abaixo correspondem á praça da batalha no ano de 1962 e 1996, sendo visível a sua organização espacial.

- Na figura de 1962, a praça tem uma enquadramento central funcionando como uma espécie de rotunda e possuindo duas linhas de elétrico.
- Já em 1996 a praça encontra se calcetada ao estilo português (blocos brancos e pretos com motivos decorativos) e mais fragmentada em relação as épocas anteriores.



Figura 36 Foto da Praça da Batalha, 1962 Porto. FONTE: Arquivo Municipal Do Porto

Já nos anos oitenta a praça é totalmente remodelada, de modo a ser de uso exclusivo de peões mas tal coisa não viria a acontecer, devido á importância que a praça tinha como no de saída da cidade.



Figura 37 Vista 1 da Praça da Batalha, 1996 Porto. FONTE: Arquivo Municipal Do Porto



Figura 38 Vista 2 da Praça da Batalha, 1996 Porto. FONTE: Arquivo Municipal Do Porto

Capitulo III Caso de estudo- SOCIEDADE, PORTO 2001.

3.1 Plano do Porto, Área Leste A, Arq. Adalberto Dias

A Sociedade Porto 2001 foi criado para reabilitar e requalificar o Porto, visto que o Porto e Roterdão foram eleitos em 1998 como capitais europeias da cultura. Como ponto de partida deste conceito, a câmara do Porto decide centrar-se na área histórica a qual contempla a baixa e a ribeira e aí exponenciar o que de melhor o Porto tem a oferecer à Europa, para tal a área do Porto é dividida em várias zonas, sendo que cada uma delas ficaria a cargo de três arquitetos.

A área Leste A como é designada, pertence à zona que compreende a Praça da Batalha, parque das Camélias, Encosta de S. Bento e dos Guindais ao rio, esta foi a concurso com a participação de Adalberto Dias, Nuno Teotónio Pereira e de Paulo Providência. Neste caso de estudo será abordado o plano de requalificação do Arq. Adalberto Dias.

Esta zona sempre teve um papel fundamental para a cidade, como é referido pelo arquiteto, “ (... esta área foi o centro cívico e cultural do Porto do século XIX até meados do nosso século, e espaço de encontro e reunião...) ”⁹ no qual, “ (... a Batalha transformou-se, hoje, em local de passagem.) ”¹⁰ e é este mesmo ponto que o Arquiteto Adalberto Dias pretende alterar com a sua proposta de requalificação.

⁹ COSTA, A. S. B. A. A requalificação da baixa Portuense: uma oportunidade para o Porto, em 2001 Porto (2009) FAUP. Página 199.

¹⁰ COSTA, A. S. B. A. A requalificação da baixa Portuense: uma oportunidade para o Porto, em 2001 Porto (2009) FAUP. Página 199.

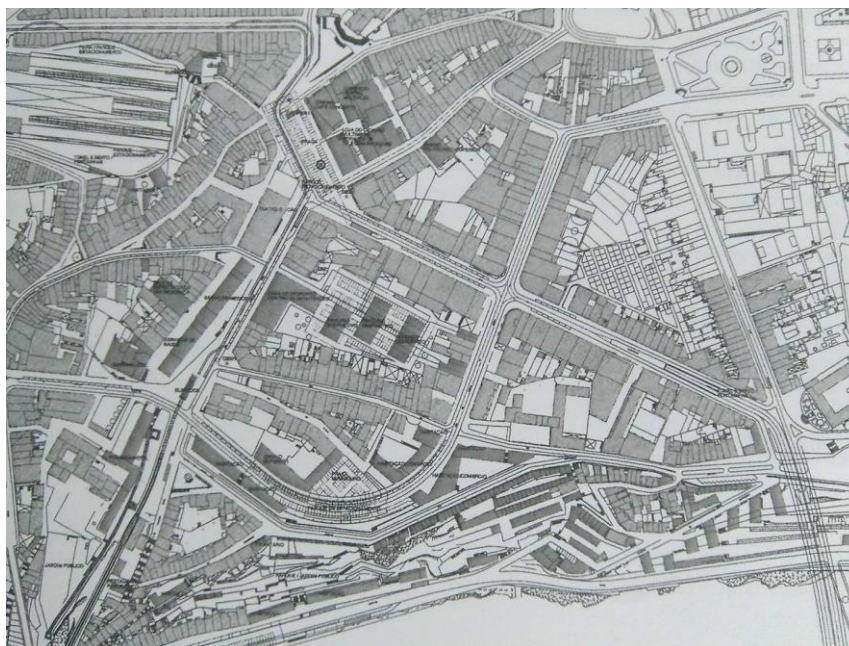


Figura 39 Plano de Requalificação da Área Leste A- Adalberto Dias

Esta intervenção viria a ser complexa, quer pelo tempo necessário para analisar, quer para identificar os problemas, quer para a sua execução. Pois “... não basta oferecer condições de conforto... ou novos sistemas de acessibilidades”¹¹ pois é aí onde, “... os problemas poderão ser mais pacíficos a soluções mais evidentes”,¹² mas sim a criação de edificado ou vazios que cativem a população.

O plano está pensado de maneira a criar uma simbiose com os planos adjacentes como é o caso da ligação da batalha a S. Bento. De modo a simplificar a análise a este, podemos fazer uma divisão em três áreas/zonas:

- Primeira zona (ligação da Batalha a S. Bento);
- Segunda zona (Praça da Batalha);
- Terceira zona (Elevador dos Guindais e Frente de Rio);

Nesta primeira área, são privilegiados dois pontos: os sistemas viários (rodoviários e pedonal) e ainda o desenvolvimento da artéria Batalha-Rua 31 de Janeiro - S. Bento, em

¹¹ COSTA, A. S. B. A. A requalificação da baixa Portuense: uma oportunidade para o Porto, em 2001 Porto (2009) FAUP.

¹² COSTA, A. S. B. A. A requalificação da baixa Portuense: uma oportunidade para o Porto, em 2001 Porto (2009) FAUP.

que se tenta dinamizar através do comércio, numa tentativa quase de prolongamento da Rua Santa Catarina. Nesta primeira área era previsto um túnel que ligaria S. Bento á Ponte do Infante a partir de um túnel que “(...) nasce no espaço residual á ilhargá sul da Estação S. Bento”. Isto iria conferir um alívio no tráfego da cidade, levando diretamente o trânsito para a rua Alexandre Herculano e por fim á Ponte do Infante. A ligação Batalha- S. Bento é feita com articulação com o metro, através de um elevador localizado no topo do espaço residual á ilhargá norte da estação. Importante ainda de referir é também a reposição do elétrico entre a Batalha e S. Bento, sendo que é possível alargar até ao Carmo, Ribeira...

Em relação á segunda área, área central do plano (Batalha), a intervenção centra-se em dar resposta a jovens e adultos. Reflexo disso são os planos para a edificação de estabelecimentos de educação e respetiva habitação, criação de equipamentos de saúde e de desporto, quer de prática livre, quer também para a possível fixação do clube Vasco da Gama, criação de uma loja do cidadão, mantendo no entanto o balcão dos CTT e para finalizar não descuidando a sua importância, é de realçar os equipamentos culturais, o comércio e restauração que consistem na maior fatia de faturação e atração da sociedade para esta área. Aqui o arquiteto Adalberto Dias propõe um redesenho da praça, dividindo esta em duas partes, melhorando assim o desenho que existe, que consiste numa praça com uma forma confusa e descaracterizada. Privilegia também a possibilidade de colocação de esplanadas nos cafés do lado Poente da praça, ou seja criar movimento na praça mas também um local de paragem/apreciação. É ainda proposto um parque de estacionamento debaixo desta, com capacidade para cerca de 250 lugares dividido por dois pisos, sendo acessível pela rua Alexandre Herculano e pela rua Augusto Rosa (dependendo do sentido rodoviário escolhido). A requalificação e/ou reabertura de acessos pedonais desativados, fazem também parte do projeto, bem como a reabilitação de edifícios como é exemplo:

- O Cinema da Batalha, este deve ser recuperado como sala nobre da sétima arte, não só por ser um dos poucos que resistiram ao tempo, mas também pela qualidade da solução arquitetónica e notável inserção urbana neste difícil território;
- Edifício dos CTT, que seria restaurado e ainda criada uma loja do cidadão do Porto;
- No edifício Real Casa Pia, local onde se encontrava o governo civil, este seria transferido para mais a sul, no palacete dos Azevedos;

- No parque das Camélias esta proposto uma casa do Desporto que será complementada com pavilhões adequados aos diversos desportos e ainda um parque de estacionamento capacidade para 500 lugares;

Esta terceira e última área tem como zona a marginal e os guindais até á área onde é o Parque das Camélias. Isto traduz se nas seguintes intervenções:

- A criação do funicular dos Guindais que iria unir a margem rio até á Faculdade Lusófona do Porto, donde daí, com a reativação do elétrico permitiria a ligação a varias áreas por exemplo os aliados, clérigos, cordoaria ou até mesmo em direção á ribeira;
- Na Rua Porta do Sol era previsto a recuperação da sala de espetáculos que viria a funcionar como complemento do Teatro Nacional São João;
- Com a criação do politécnico na rua Entreparedes e a Universidade Moderna (atual Lusófona) na rua Augusto Rosa, é projetado na área da rua Duque de Loulé e largo Actor Dias residências de estudantes;
- Um outro ponto importante é a recolocação da PSP e outros serviços para o edifício Aljube no convento de Santa Clara junto do largo 1º de Dezembro, libertando o Edifício Real da Casa Pia para serviços de saúde enquanto o Palacete dos Azevedos por sua vez iria abrigar o governo civil.
- Por último é a criação de uma unidade hoteleira do segmento medio-alto no conjunto monumental que é a Igreja de Santa Clara, aproveitando assim a sua localização privilegiada que é a proximidade de múltiplos pontos de interesse na cidade;

Estando bem claro a impossibilidade de se realizar todas as ações programadas, viu se obrigado a elaboração de uma lista de prioridades a intervir, “... ate porque se devem articular com o plano geral de requalificação de toda a Baixa, sugere se uma associação de conjunto de ações em determinadas unidades de projeto, a elaborar e a desenvolver por subequipas.

As prioridades foram as seguintes:

- Os espaços públicos da Batalha, desenho de suas praças e construção de parque de estacionamento subterrâneo;
- Projeto de elevador dos Guindais e correspondência com o elétrico da rua Augusto Rosa ate ao Carmo;
- Projeto de sucessões de praças na rua Cimo de Vila;
- Projeto do elevador de S. Bento / Batalha;
- Projeto do túnel S. Bento / Fontainhas;
- Projeto do conjunto monumental de Santa Clara e largo 1º de Dezembro;
- Restauro do Cinema Batalha, dos CTT com a criação da loja do cidadão e do edifício Águia D'Ouro;
- Projeto da casa de desporto no Parque das Camélias;
- Recuperação do Teatrinho na rua porta do Sol;

Capitulo IV Projeto Desenvolvido

4.1 Projeto do Museu no Quarteirão das Camélias.

O terreno alvo de intervenção (Parque das Camélias) situa-se junto á Praça da Batalha, zona de grande importância histórica, a qual fez surgir a necessidade e a preocupação pela sua revitalização.

Para a intervenção neste quarteirão determinei os seguintes objetivos:

- Demolição do interior do quarteirão;
- Libertação de uma grande área central para a criação de um espaço verde público;
- Reabilitação do edificado da rua Duque de Loulé;
- Colmatar o vazio existente no alçado da rua Augusto Rosa;

O edifício correspondente ao museu situa-se a face da rua Augusto Rosa de modo a colmatar o grande vazio existente de cerca de 57 metros, o edifício afasta-se de ambas as empenas, a Norte e a Sul de modo a criar assim os dois acessos. Um primeiro de menor dimensão a sul que serve para descargas no museu e a norte um de maior dimensão, onde se faz o acesso pedonal ao museu e ao interior do quarteirão, este acesso surge também de como que um prolongamento natural da rua do cativo ate á rua Duque de Loulé de modo a encaminhar as pessoas para o seu interior.



Figura 40 Planta prolongamento da Rua do Cativo (sem escala) Fonte: Autor

Em relação à implantação, esta é relativamente simples, consistindo num paralelepípedo que colmata a frente de rua Augusto Rosa, enquanto, duas barras que contêm os *ateliers* se colocam perto dos extremos do terreno criando assim uma grande área central verde pública, área esta que fica encerrada com o posicionamento da biblioteca. Algo que todos os edifícios têm em comum é esta relação de exterior-interior criando assim como que um prolongamento destas áreas além paredes.



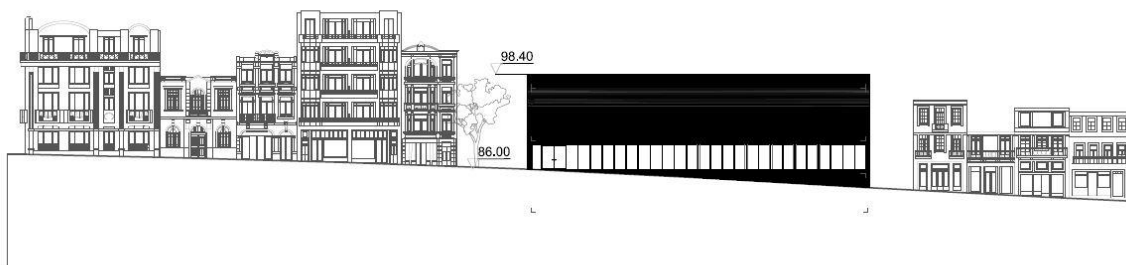
Figura 41 Planta dos volumes proposto para o Quarteirão das Artes (sem escala) Fonte: Autor

O Quarteirão das Camélias possui quatro acessos distintos:

- i)- Um principal na Rua Augusto Rosa;
- ii)- A Nascente na Rua Duque de Loulé;
- iii)- Um acesso de menor dimensão feito por debaixo de um edifício existente na Rua Alexandre Herculano;
- iv)- Um segundo na Rua Augusto Rosa, mais reservado;



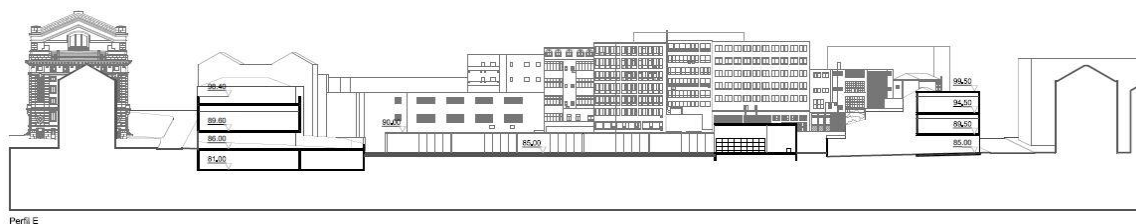
O museu é constituído por um paralelepípedo com três pisos incluindo a cave. O piso 0 (entrada) é constituído pelas áreas administrativas e públicas (foyer, bar, loja). Embora com diferentes níveis de exigência de privacidade, a área administrativa possui a mesma linguagem, a qual consiste num envidraçado, envidraçado este que na área pública permite uma vista desimpedida desde a rua Augusto Rosa para o interior do quarteirão que por contraste, na zona dos gabinetes podem ser baixados estores de modo a ganhar privacidade.



Perfil A

Figura 43 Alçado do Museu inserido na malha urbana (sem escala) Fonte: Autor

O volume do museu relaciona-se com a envolvente, não através de alinhamentos precisos, devido às grandes diferenças de cota sentidas nos 57 metros de frente da rua Augusto Rosa, mas sim numa tentativa de equilíbrio entre as duas empenas, em que o edifício se distancia delas, de modo a que o volume se insira da melhor forma no desenho urbano da rua.



Perfil E

Figura 44 Corte Transversal pelo Quarteirão (sem escala) Fonte: Autor

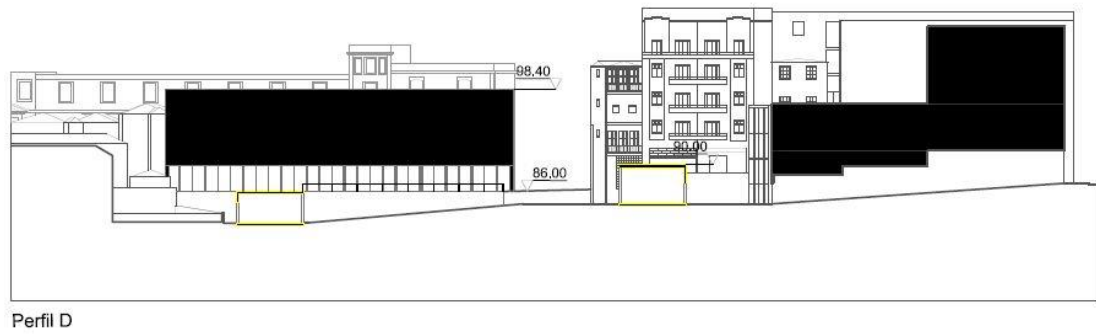


Figura 45 Alçado do Museu- Vista Nascente (sem escala) Fonte: Autor

No que diz respeito aos *ateliers*, estes dividem-se em dois volumes com cinco *ateliers* cada um, sendo que um dos volumes resolve o acesso pedonal permitido, o qual atua como que um prolongamento da rua do cativo, unindo desta forma a rua Augusto Rosa á rua Duque de Loulé. Já o volume de *ateliers* mais a Sul ajuda a resolver as traseiras dos edifícios da rua do Sol e com este afastamento criado através do acesso de descargas do museu se faz um acesso comum aos *ateliers*. É de referir que veículos prioritários e de pessoal autorizado podem circular pelo terreno em certos pontos de modo a cumprir com a lei.



Figura 46 Planta de acessos aos Ateliers (sem escala) Fonte: Autor

No que diz respeito á sua organização interior, no piso da cave, esta concentra nela o estacionamento privado, as salas de restauro e o armazenamento das obras bem como os acessos verticais á área da administração e às salas de exposições. Ainda é de referir que o auditório funciona da cota da cave para baixo, em que na sua cobertura se encontra a cota do piso 0 e em que esta funciona como esplanada do bar.

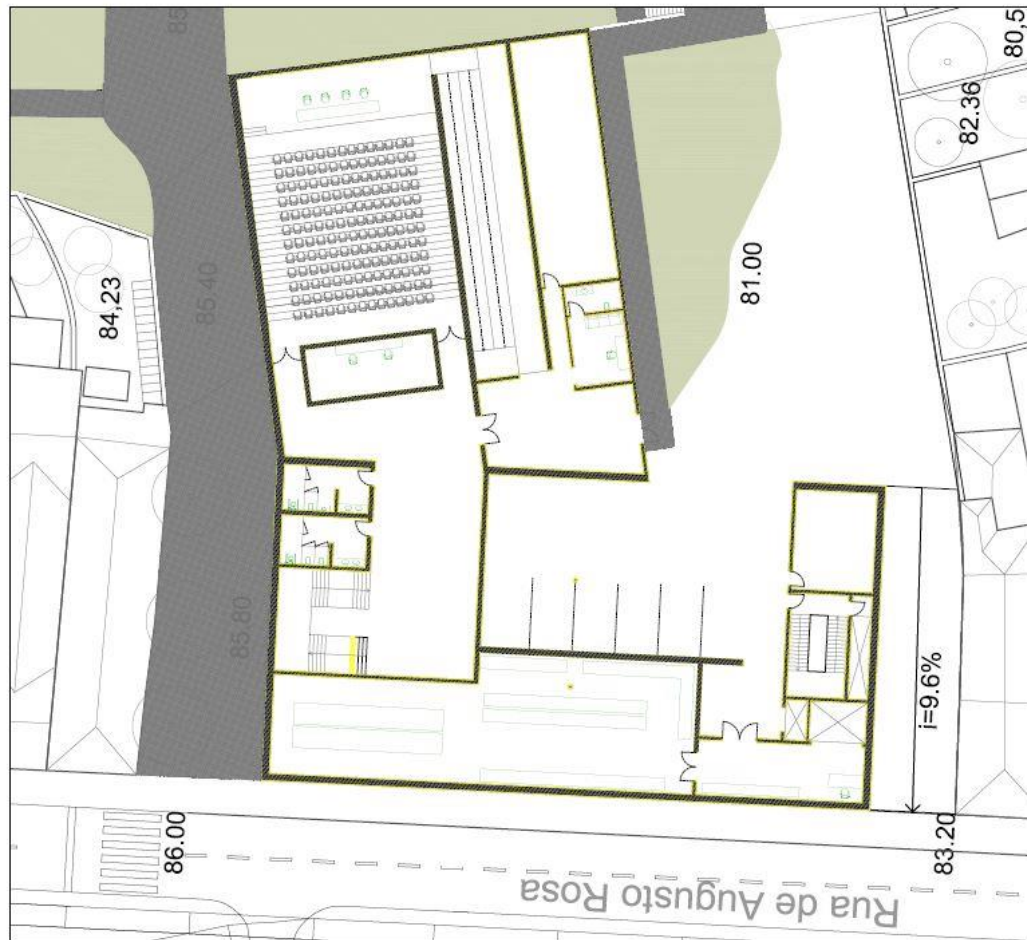


Figura 47 Planta do Piso -1 do Museu das Artes (sem escala) Fonte: Autor

No piso da entrada, tentou-se que a área do foyer permitisse ao visitante ou simples transeunte obter uma vista desimpedida ao máximo entre a rua Augusto Rosa e o interior do quarteirão, tentando assim que as pessoas vivam esta parte da cidade, convidando-os à paragem e consequente permanência. As zonas mais administrativas, instalações sanitárias e os acessos verticais destinados aos funcionários situa-se no lado direito da figura 46.



Figura 48 Planta do Piso 0 do Museu das Artes (sem escala) Fonte: Autor

No piso superior situa-se o grande salão de exposições, salão este que tem a flexibilidade de se subdividir em varias salas conforme as necessidades do momento. Este piso consiste numa caixa de betão em que a única zona de luz natural está presente na escadaria aberta que funciona como parte do salão de exposição, ligando foyer ao piso superior, O betão usado neste edifício é uma tentativa de contrastar os tempos que vivemos com a pedra dos tempos já vividos.



Figura 49 Planta do Piso 1 do Museu das Artes (sem escala) Fonte: Autor

No que diz respeito á iluminação, esta no piso térreo é feita em grande parte através da luz natural, visto que, ambos alçados são completamente envidraçados, necessitando raramente de recorrer á luz artificial.

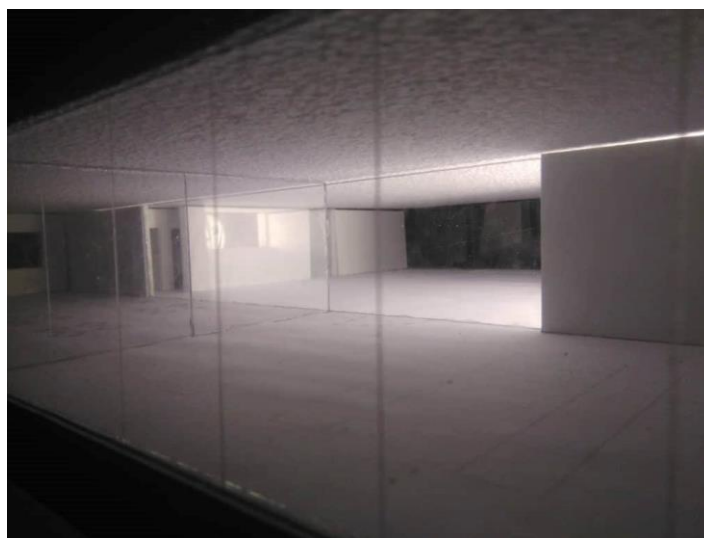


Figura 50 Foto da vista da zona publica do Museu-piso 0 (sem escala) Fonte: Autor

Já o piso de exposições recebe luz natural somente a norte onde se localiza a escadaria, pois o intuito deste piso é funcionar como que uma caixa protegendo assim as obras da luz natural direta e criar assim focos de luz artificial direcionados conforme as necessidades.

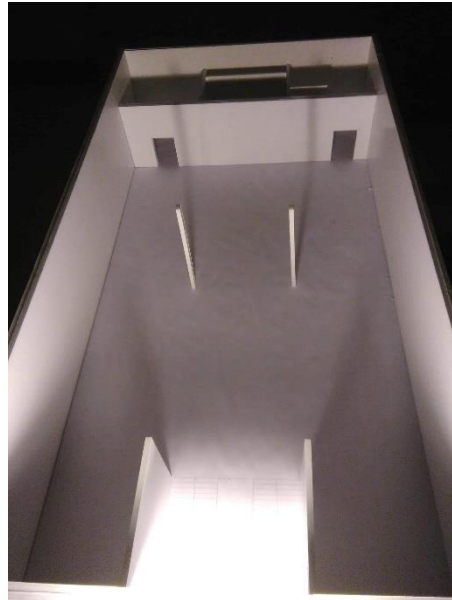


Figura 51 Foto do Piso 1 do Museu das Artes- Sala de exposições (sem escala) Fonte: Autor

4.2 Projeto de Requalificação da Batalha e conexão com o Parque das Camélias.

Neste subcapítulo debate-se uma possível intervenção no espaço onde se situa a Praça da Batalha e sua conexão ao Parque das Camélias (importa referir que não se pretende a definição de um plano de execução de requalificação).

A escolha deste tema deve-se ao fato de que a Praça da Batalha para além de possuir valor inestimável enquanto espaço histórico é ainda hoje um espaço importante para a cidade, o que consequentemente leva a que seja um ponto de passagem com uma grande afluência. Justamente por isto, é proposta a sua requalificação e de certos edifícios dela pertencente, fazendo desse modo jus ao seu valor. O tema do projeto consiste na realização de um Museu das Artes rodeado por um espaço verde e nada melhor do que conectar estes

dois espaços, obtendo assim dois museus (um materializado num edifício de raiz para o efeito e um segundo “a céu aberto” subentendido com os edifícios da praça da Batalha como é o caso do Cinema Batalha, Teatro Nacional São João...), conseguindo assim dois espaços públicos exteriores que embora tenham diferentes usos, existe entre eles uma relação simbiótica visto que ambos se complementam.



Figura 52 Foto aérea da Praça Batalha e Parque das Camélias Fonte: Google Maps

O objetivo desta conexão é a de conseguir ao máximo que estas áreas sejam de uso pedonal, embora sabendo da importância do automóvel na sociedade contemporânea, no meu entender e cada vez mais usual na Europa é que o automóvel vem perdendo espaço na cidade nos tempos de hoje, quer seja pela escassez de espaço, quer por razões ambientais, em deterioramento dos transportes públicos cada vez mais requisitados. Com isto o acesso rodoviário à praça da Batalha feito pela Rua Alexandre Herculano, já não se ramifica no centro da praça, mas sim, junto ao edifício do *Hotel NH collection Porto* e do Cinema Batalha de modo a que esta fique mais liberta para as pessoas, criando assim uma área maior de circulação e dando a noção de que a praça ganha uma maior dimensão.

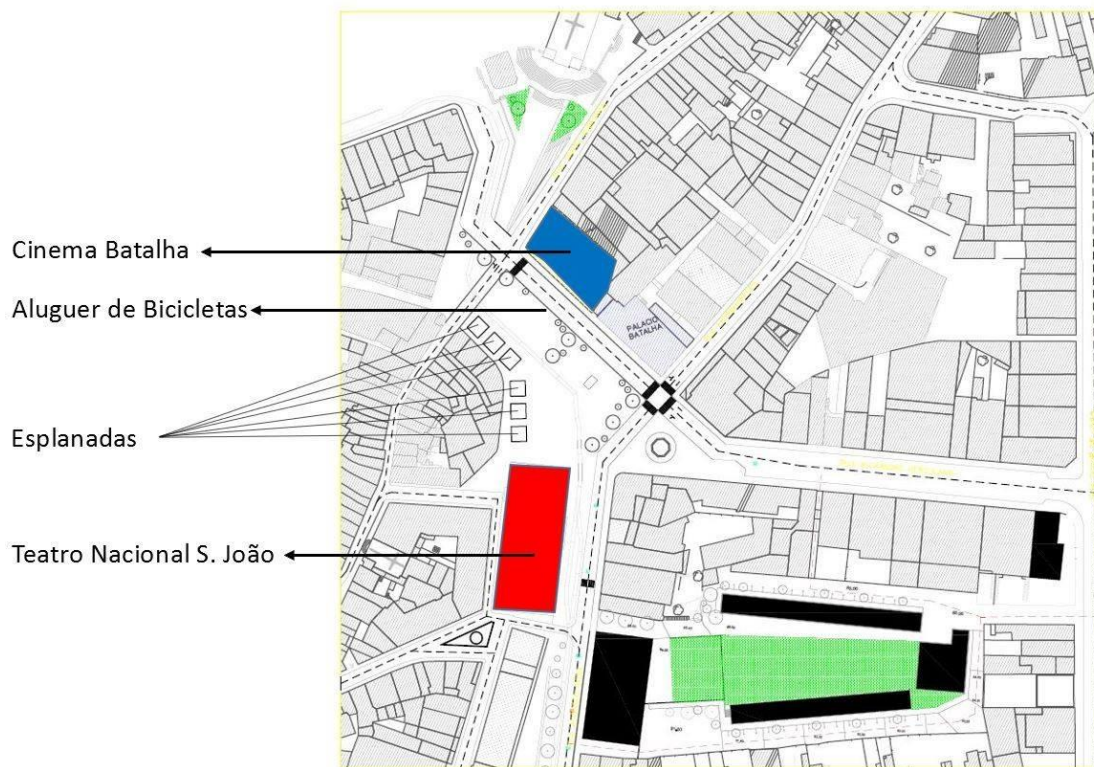


Figura 53 Planta Geral da implantação

O espaço da praça em si delimitada pelo *Hotel NH collection Porto* e pelo Cinema Batalha a norte, o Teatro Nacional São João a sul, e pelos edifícios a poente onde outrora se situara a Capela de N. S. da Batalha e onde hoje existe comércio, a praça corresponde a um espaço que pode ser entendido como dois. Um primeiro pavimentado de uso pedonal com esplanadas para os cafés existentes a Poente, espaços esses que com o posicionamento das árvores como que emoldura os edifícios históricos de interesse publico como é o caso do Cinema Batalha e do antigo Palácio dos CTT, atualmente um hotel com temática dos correios. As árvores a nascente funcionam como um muro de separação entre o automóvel e os peões. O mesmo é visível no Quarteirão das Artes, no qual o automóvel tem um papel muito pequeno e restrito, somente para descargas dos museu e acesso aos *ateliers*. Um segundo espaço subentendido em frente ao hotel com bancos que convidem á sua permanência em conjunto com árvores, as quais criam uma zona de sombra para as pessoas que ali se encontram e também servem de barreira entre os carros que circulam ai perto e a zona das pessoas.

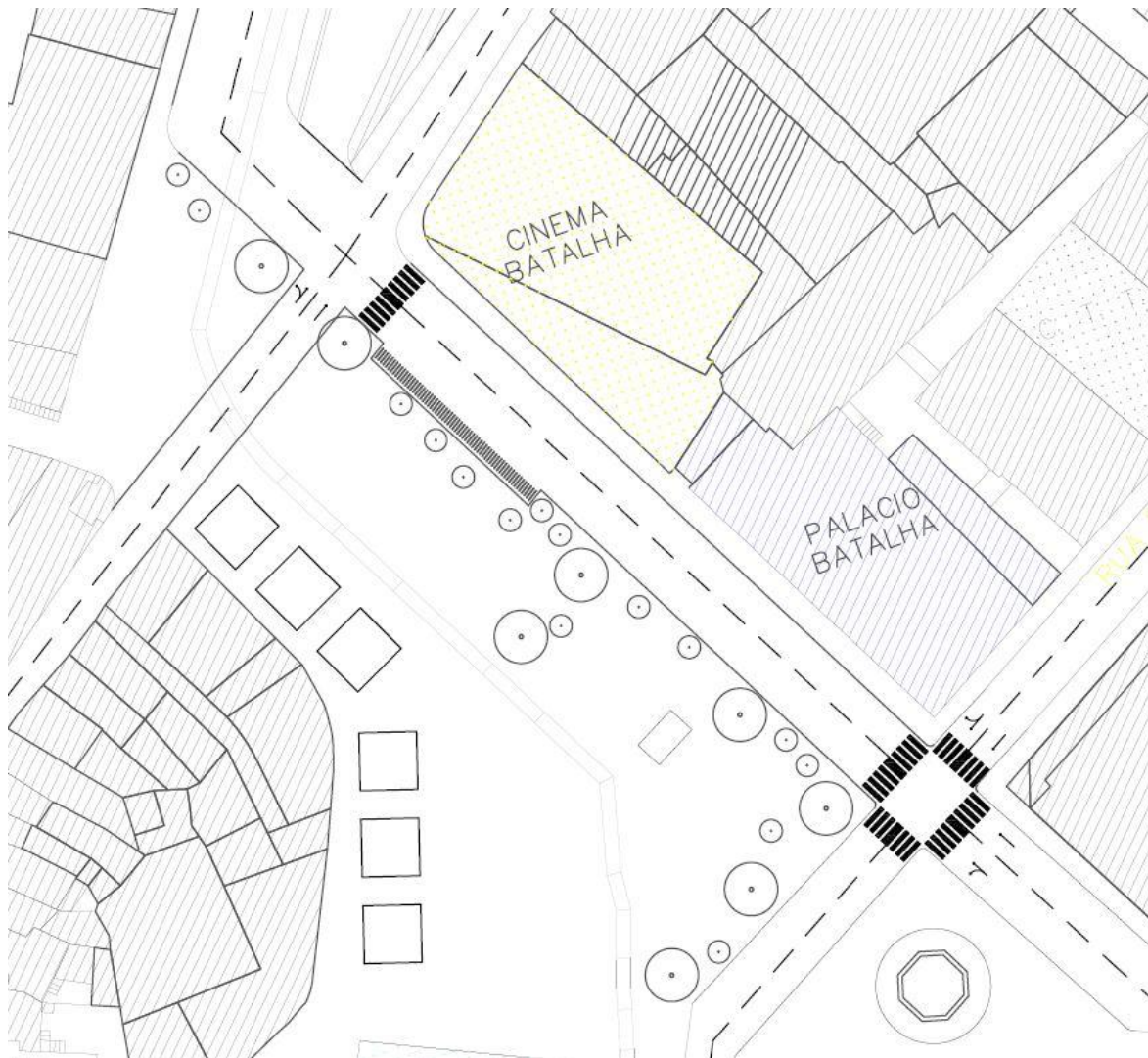


Figura 54 Pormenor do desenho da Praça (sem escala) Fonte: Autor

Na figura acima é de referir ainda que na parte Norte da praça em frente ao abandonado Cinema Batalha, é proposta a construção de um parque misto para bicicletas, quer para bicicletas alugadas, quer para bicicletas próprias, numa tentativa de fazer com que as pessoas se desloquem para o trabalho ou simplesmente em lazer no Porto neste meio de transporte. Este incentivo funciona como um protótipo, sendo algo já comum no centro da Europa.

No edificado da parte Poente em especial, é proposta não a sua reabilitação mas sim um restauro, restauro esse já necessitado á já algum tempo, quer nas suas fachadas, quer no seu interior que em muitos casos se encontra abandonado.



Figura 55 Foto do edifício onde outrora se situava a Capela de N. S. da Batalha Fonte: Google Maps



Figura 56 Foto da Rua de Cimo de Vila, antiga saída Fernandina Fonte: Google Maps

Por fim mas não menos importante é proposta a reabilitação do antigo Cinema Batalha, algo que á já muito tempo o município vem a pensar mas nunca se deu inicio a tal reativação neste espaço tao importante para a cidade do Porto. Entretanto, o governo entregou a obra ao Arquitecto Alexandre Alves Costa ficando assim mais uma vez no ar a promessa de restaurar este marco para a cidade, como refere Rui Moreira dizendo que este era “uma ferida na cidade que ninguém entendia e tem um valor absolutamente simbólico. Se falarmos de liberdade, aquele cinema foi um ponto de conflito”¹³

¹³ Moreira, Rui (2017) Jornal Observador Rui Moreira não quer o Cinema Batalha seja “uma extensão da Cinemateca”



Figura 57 Foto do inativo Cinema Batalha Fonte: Google Maps

Capitulo V Conclusões

Esta dissertação tem como alicerces a evolução da cidade do Porto e esta culmina numa proposta de intervenção para o Quarteirão das Camélias e numa reflexão sobre uma ligação com a Praça da Batalha, articulando dois espaços públicos que se complementam, o novo e o velho, numa tentativa de chamar cada vez mais pessoas para esta parte da cidade.

Desde o início da evolução da cidade do Porto, o espaço onde é hoje o Quarteirão das Camélias sempre se encontrou liberto no seu interior e mesmo não conseguindo mantê-lo por completo, pois o programa dado assim não o permitia, tentou-se ao máximo criar uma zona central verde, fazendo assim uma ligação do presente ao passado. Este espaço verde daria o mote para a proposta de requalificação da Batalha e sua ligação ao Quarteirão das Camélias, criando assim uma relação de simbiose e complemento entre estes dois espaços públicos distintos.

A arquitetura contemporânea não deve tentar parecer algo que não o é, mas sim tentar-se inserir na malha urbana o melhor possível. O Museu quebra em certo ponto com o anteriormente referido mas não de um modo a se superiorizar aos edifícios históricos circundantes como o Teatro Nacional São João ou cinema Batalha mas sim numa tentativa de equidade aos mesmos, visto de que se trata de um edifício com características semelhantes aos anteriormente referidos, de modo a criar um diálogo entre diversas épocas.

INDICE DE FIGURAS

Figura 1 Esquema espacial da Povoação Castreja Fonte: Portopatrimoniomundial	Figura 2
Esquema espacial da Povoação Romana Fonte: Portopatrimoniomundial	14
Figura 3 Esquema da Cidade entre 1114 e 1234 Fonte: Portopatrimoniomundial	16
Figura 4 Esquema da Cidade entre 1234 e 1316 Fonte: Portopatrimoniomundial	16
Figura 5 Esquema da Cidade entre 1316 e 1355 Fonte: Portopatrimoniomundial	16
Figura 6 Esquema da Cidade entre 1355 e 1386 Fonte: Portopatrimoniomundial	17
Figura 7 Esquema da Cidade entre 1386 e 1406 Fonte: Portopatrimoniomundial	17
Figura 8 Esquema da Cidade entre 1406 e 1518 Fonte: Portopatrimoniomundial	18
Figura 9 Planta de 1813, Porto. FONTE: Oliveira Vítor, 2013 Evolução das formas urbanas de Lisboa e do Porto nos seculos XIX e XX.	20
Figura 10 Planta de 1865, Porto. FONTE: Oliveira Vítor, 2013 Evolução das formas urbanas de Lisboa e do Porto nos seculos XIX e XX.	20
Figura 11 Planta de 1892, Porto. FONTE: Oliveira Vítor, 2013 Evolução das formas urbanas de Lisboa e do Porto nos seculos XIX e XX.	21
Figura 12 Planta de 1948, Porto. FONTE: Oliveira Vítor, 2013 Evolução das formas urbanas de Lisboa e do Porto nos seculos XIX e XX.	23
Figura 13 Planta de 1997, Porto. FONTE: Oliveira Vítor, 2013 Evolução das formas urbanas de Lisboa e do Porto nos seculos XIX e XX.	23
Figura 14 Planta de 2003, Porto. FONTE: Oliveira Vítor, 2013 Evolução das formas urbanas de Lisboa e do Porto nos seculos XIX e XX.	24
Figura 15 Planta Histórica de 1813. FONTE: Mota Daniela, 2015 Análise Histórica De Uma Zona Urbana	26
Figura 16 Planta da Praça da Batalha, Porto. FONTE: Arquivo Municipal Do Porto	27
Figura 17 Gravura de Joaquim V. Vilanova 1833 Fonte: Arquivo Municipal Porto	28
Figura 18 Desenho Nossa Senhora da Batalha 18?? Fonte: Arquivo Municipal Porto	28
Figura 19 Foto do Teatro Príncipe, 1906 Porto. FONTE: Arquivo Municipal Do Porto	29
Figura 20 Foto do Real Teatro São João, 1908 Porto. FONTE: Arquivo Municipal Do Porto	29
Figura 21 Foto da Real Casa Pia, 19-- Porto. FONTE: Arquivo Municipal Do Porto	31
Figura 22 Foto da Real Casa Pia, 19-- Porto. FONTE: Arquivo Municipal Do Porto	31
Figura 23 Pormenor da Planta de 1824, Porto. FONTE: Arquivo Municipal Do Porto	33
Figura 24 Pormenor da Planta de 1833, Porto. FONTE: Arquivo Municipal Do Porto	33
Figura 25 Pormenor da Planta de 1839, Porto. FONTE: Arquivo Municipal Do Porto	34
Figura 26 Pormenor da Planta de 1865, Porto. FONTE: Arquivo Municipal Do Porto	34
Figura 27 Pormenor 1 da Planta de 1892, Porto. FONTE: Arquivo Municipal Do Porto	35
Figura 28 Pormenor 2 da Planta de 1892, Porto. FONTE: Arquivo Municipal Do Porto	36

Figura 29 Planta da Praça da Batalha, 1910 Porto. FONTE: Arquivo Municipal Do Porto	36
Figura 30 Foto da Igreja St. Ildefonso, 1910 Porto. FONTE: Arquivo Municipal Do Porto	37
Figura 31 Foto do Palácio da Batalha, 1910 Porto. FONTE: Arquivo Municipal Do Porto	38
Figura 32 Foto da Loja Campos e Morais, 1900 Porto. FONTE: Arquivo Municipal Do Porto	39
Figura 33 Foto Aguia D'Ouro, 1900 Porto. FONTE: Arquivo Municipal Do Porto	40
Figura 34 Vista aérea Cidade do Porto, 1940 Porto. FONTE: Arquivo Municipal Do Porto	41
Figura 35 Proposta de central de Camionagem (Quarteirão das Camélias), 1954 Porto. FONTE: Arquivo Municipal Do Porto	42
Figura 36 Foto da Praça da Batalha, 1962 Porto. FONTE: Arquivo Municipal Do Porto	43
Figura 37 Vista 1 da Praça da Batalha, 1996 Porto. FONTE: Arquivo Municipal Do Porto	43
Figura 38 Vista 2 da Praça da Batalha, 1996 Porto. FONTE: Arquivo Municipal Do Porto	44
Figura 39 Plano de Requalificação da Área Leste A- Adalberto Dias	47
Figura 40 Planta prolongamento da Rua do Cativo (sem escala) Fonte: Autor	52
Figura 41 Planta dos volumes proposto para o Quarteirão das Artes (sem escala) Fonte: Autor	53
Figura 42 Planta de acessos ao Quarteirão das Artes (sem escala) Fonte: Autor	54
Figura 43 Alçado do Museu inserido na malha urbana (sem escala) Fonte: Autor	55
Figura 44 Corte Transversal pelo Quarteirão (sem escala) Fonte: Autor	55
Figura 45 Alçado do Museu- Vista Nascente (sem escala) Fonte: Autor	56
Figura 46 Planta de acessos aos Ateliers (sem escala) Fonte: Autor	56
Figura 47 Planta do Piso -1 do Museu das Artes (sem escala) Fonte: Autor	57
Figura 48 Planta do Piso 0 do Museu das Artes (sem escala) Fonte: Autor	58
Figura 49 Planta do Piso 1 do Museu das Artes (sem escala) Fonte: Autor	59
Figura 50 Foto da vista da zona publica do Museu-piso 0 (sem escala) Fonte: Autor	59
Figura 51 Foto do Piso 1 do Museu das Artes- Sala de exposições (sem escala) Fonte: Autor	60
Figura 52 Foto aérea da Praça Batalha e Parque das Camélias Fonte: Google Maps	61
Figura 53 Planta Geral da implantação	62
Figura 54 Pormenor do desenho da Praça (sem escala) Fonte: Autor	63
Figura 55 Foto do edifício onde outrora se situava a Capela de N. S. da Batalha Fonte: Google Maps	64
Figura 56 Foto da Rua de Cimo de Vila, antiga saída Fernandina Fonte: Google Maps	64
Figura 57 Foto do inativo Cinema Batalha Fonte: Google Maps	65

BIBLIOGRAFIA

Porto 2001 regresso á Baixa consulta para a elaboração do programa de requalificação da Baixa Portuense, edição FAUP organização e coordenação Nuno Grande.

OLIVEIRA, Vítor – **A evolução das formas urbanas de Lisboa e Porto nos séculos XIX E XX** – Edições UP, Porto, 2013, ISBN 978-989-746-007-4.

COSTA, A. S. B. A. (2009) **A requalificação da baixa portuense: uma oportunidade para o Porto, em 2001**. Porto: FAUP. Página 199.

PINHO, P. e OLIVEIRA, V. (2009) “**Cartographic analysis in urban morphology**”, Environment and Planning B: Planning and Design, 36, 107-127.

FERRÃO, B. J. (1989), **Projeto e transformação urbana do Porto na época dos Almadás 1758/1813**, FAUP publicações, Porto.

MOTA, Daniela Amorim – **ANÁLISE HISTÓRICA DE UMA ZONA URBANA – Caracterização do Parque das Camélias e sua envolvente**, Porto, 2015

MATEUS, Nuno Filipe Cardoso – **O PISO TERREO DO EDIFICADO NA CIDADE DO PORTO** – Porto, 2015.

